



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MAURILÂNDIA SANTOS DE MOURA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A
REALIDADE DA ESCOLA MUNICIPAL DUQUE DE CAXIAS EM PICOS-PI**

PICOS-PI

2013

MAURILÂNDIA SANTOS DE MOURA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A
REALIDADE DA ESCOLA MUNICIPAL DUQUE DE CAXIAS EM PICOS-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

PICOS-PI

2013

Eu, **Maurilândia Santos de Moura**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 12 de Abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929i

Moura, Maurilândia Santos de.

A importância da Leitura na Educação de Jovens e Adultos: A Realidade da Escola Municipal Duque de Caxias em Picos – PI / Maurilândia Santos de Moura. – 2013.

CD-ROM: 4 ¾ pol.; il. (71 p.)

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Prof^a. Dr^a. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

1. Leitura. 2. Educação. 3. Jovens e Adultos. I. Título.

CDD 374.12

MAURILÂNDIA SANTOS DE MOURA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A
REALIDADE DA ESCOLA MUNICIPAL DUQUE DE CAXIAS EM PICOS-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Universidade
Federal do Piauí como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
Orientador(a)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof^a. Dr^a. Ana Carmita Bezerra de Souza
Examinador (a)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof^a. M.a Maria Oneide Fialho Rocha
Examinador (a)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

A Deus, nosso soberano, que está sempre ao meu lado, guiando-me para o caminho certo. A minha família que está presente em todos os momentos da minha vida. A todos que busquei para me assessorar na elaboração desta monografia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força e estímulo para seguir em busca dos meios objetivos. Aos meus pais, por terem me dado à vida, carinho, educação e serem para mim exemplo de integridade. A todos os educadores da UFPI, que fizeram parte da minha trajetória durante o curso. A todos os meus familiares, amigos, e em especial a minha orientadora Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

“Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais”. (FREIRE, 1979).

RESUMO

A leitura é um elemento fundamental no processo de ensino/aprendizagem, sendo que na educação de jovens e adultos (EJA) representa uma possibilidade de contribuição para efetivar um caminho para desenvolvimento integral de todas as pessoas e conseqüentemente de sua cidadania. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo refletir a importância da leitura na educação de jovens e adultos em Picos-PI. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Como instrumentos da coleta de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada, e para análise dos mesmos, adotamos a abordagem qualitativa. Os principais referenciais teóricos utilizados foram: Freire (1999, 2005), Gadoti (2003), Ghiraldelli Jr (2008), Moura (2003), Rosing (1999), Silva (2003) e Soares (2002). Os resultados da pesquisa apontam que a EJA, necessita ainda de muita atenção, sendo que a capacitação dos profissionais envolvidos nesta modalidade de ensino é um dos principais fatores que precisa ser repensado, bem como a articulação do ensino da leitura e a capacidade de aquisição de novos conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Educação. Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Reading is a fundamental element in the teaching / learning, and the education of youth and adults (EJA) represents a possibility that contribución to effect a path to full development of all people and therefore their citizenship. In this perspective, this study aims to reflejar the importance of reading in the education of youth and adults in Picos-PI. To this end, we conducted a literature search and a field survey. As instruments of data collection, we used semi-structured interviews, and analysis of them, we adopted a qualitative approach. The main theoretical frameworks used were: Freire (1999, 2005), Gadoti (2003), Ghiraldelli Jr (2008), Moura (2003), Rosing (1999), Silva (2003) and Smith (2002). The survey results indicate that the EJA, still needs a lot of attention, and the professionals involved in this type of education is a major factor that needs to be rethought, as well as the articulation of the teaching of reading and the ability to acquire new knowledge.

KEY- WORDS: Reading. Education. Youth and Adult.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DAA	Divisão de Adolescentes e Adultos
DECOM	Departamento de Educação Especial e Complementar
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MEC	Ministério da Educação
PEI	Programa de Educação Integrada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
CNE	Conselho Nacional de Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
CNEA	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CES	Centros de Estudos Supletivos
ENEJAS	Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão do Jovem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PEB	Programa de Educação Básica
PROEJA	Programa de Educação para Jovens e Adultos
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – PANORAMA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	14
1.1 Percurso histórico da EJA no Brasil	14
1.2 A EJA no Piauí	21
CAPÍTULO II – A FUNÇÃO DO EDUCADOR PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	26
2.1 Paulo Freire: Métodos e práticas	28
2.2 Alfabetização e letramento na EJA	30
2.3 A importância da leitura para os jovens e adultos	32
2.4 O papel da escola na formação de leitores na EJA	34
2.5 Reflexões sobre a prática da leitura na EJA	36
CAPÍTULO III – ESCOLA MUNICIPAL DUQUE DE CAXIAS: PRÁTICAS E CONTEXTOS DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	40
3.1 Os Caminhos da Pesquisa	40
3.2 Cenário da pesquisa	41
3.3 Os sujeitos da pesquisa	42
3.4 Resultados e Discussão	42
3.4.1 Docentes	42
3.4.2 Discentes	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	72

INTRODUÇÃO

A leitura é um elemento fundamental no processo de ensino/aprendizagem, como também um poderoso meio para a compreensão e transformação da realidade. Com isto, a educação de jovens e adultos (EJA) representa uma possibilidade que contribuir para efetivar um caminho e desenvolvimento das pessoas, cujo público alvo consiste na grande maioria de homens e mulheres trabalhadores que fazem uma leitura de mundo na medida em que interagem em seu meio social.

Dessa forma, planejar esse processo é uma grande responsabilidade social e educacional, cabendo ao professor no seu papel de mediar o conhecimento, ter uma base sólida de formação, pois a leitura deve ser vista como um processo ativo que envolve um conjunto de competências e habilidades eficazes na construção da consciência crítica. É através da mesma que o leitor se reestrutura, reorganiza e se reveste de valores e conhecimentos que irão lhe respaldar para um desenvolvimento sustentável socialmente e culturalmente, facilitando a sua integração.

A prática de leitura na EJA é importante não apenas por constituir uma ferramenta para a aprendizagem, mas também por propiciar a esses indivíduos a capacidade de reagir frente às adversidades do meio social, possibilitando o exercício de todos os papéis sociais que vão desde o mercado de trabalho à posição que ocupam no seu bairro ou na sua igreja. Sendo leitores assíduos, poderão compreender e interpretar melhor as situações cotidianas da contemporaneidade. Espera-se que a EJA, enquanto educação popular capacite seus estudantes a ler e escrever e conectar-se ao mundo de forma efetiva. Para tanto é necessário que a prática da leitura seja constante. Diante do exposto, surgiu a seguinte indagação: Qual a importância da leitura na educação de jovens e adultos (EJA)?

Partindo desses pressupostos, o respectivo trabalho tem por objetivo geral refletir sobre a importância da leitura na educação de jovens e adultos; e, mais especificamente conhecer na literatura as metodologias utilizadas para o ensino da leitura na EJA; identificar as metodologias utilizadas pelos docentes da EJA para o ensino da leitura; e, analisar se as metodologias utilizadas no ensino da leitura são apropriadas para aprendizagem dos alunos (as).

O interesse pela temática surgiu além da curiosidade de conhecer melhor esta modalidade de ensino, na necessidade de realizar o estágio obrigatório de 120 horas em cumprimento ao que é exigido aos graduandos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvidio Nunes de Barros. Com isso nos indagamos sobre a importância da leitura nesta modalidade de ensino.

Como forma de responder os nossos questionamentos, utilizamos a pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo na Escola Municipal Duque de Caxias em Picos-PI. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada, aplicando a 02 (duas) professoras da EJA (1ª e 2ª etapa). 05 (cinco) alunos da 1ª etapa e 03 (três) alunos da 2ª etapa da EJA. As entrevistas realizadas tiveram como eixo principal “o desenvolvimento do ensino da leitura na EJA”.

Para análise dos dados, utilizamos a abordagem qualitativa, que nos permite descrever a complexidade de determinado problema, a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (DIEHL; PAIM, 2002).

Para melhor compreensão do trabalho, o estruturamos em três capítulos. O primeiro capítulo faz um panorama da educação de jovens e adultos (EJA), revendo seu percurso histórico no Brasil e no Piauí.

O segundo capítulo discute sobre a função do educador para a formação de leitores na educação de jovens e adultos, apresentando o método Paulo Freire, a questão da alfabetização e letramento na EJA, a importância da leitura para jovens e adultos, o papel da escola na formação de leitores na EJA e reflexões sobre a prática da leitura na EJA.

O terceiro capítulo enfatiza os dados da pesquisa, descrevendo os caminhos metodológicos e apresentando os resultados e discussões dos dados encontrados com os discentes e docentes da Escola Municipal Duque de Caxias.

Por fim, são apresentadas as nossas conclusões e as respectivas sugestões sobre a temática abordada.

CAPÍTULO I – PANORAMA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A educação de jovens e adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira que recebe e atende pessoas que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada, sendo que no passado como no presente a educação de jovens e adultos sempre compreendeu um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionados a aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais.

1.1 Percurso histórico da EJA no Brasil

Alfabetizar jovens e adultos não é um ato apenas de ensino – aprendizagem é a construção de uma perspectiva de mudança: no início, época da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes era pra privilégio das classes média e alta, nessas famílias os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância; não havia a necessidade de uma alfabetização para jovens e adultos, as classes pobres não tinham acesso a instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta. De acordo com Ghiraldelli Jr:

a educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil. (1808 – 1821) (2008, p. 24).

O ensino dos jesuítas tinha como fim não apenas a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação da fé cristã. A história da educação de jovens e adultos no Brasil no período colonial se deu de forma assistemática, nesta época não se constatou iniciativas governamentais significativas.

Dessa forma, observa-se que a educação de jovens e adultos não é recente no país, pois, se verifica que desde o Brasil colônia, que já se falava em educação para população adulta, que precisava ser catequizada para as causas da santa fé.

Os métodos jesuíticos permaneceram até o período pombalino. Com a expulsão dos jesuítas, em 1756, Pombal organizava as escolas de acordo com os interesses do Estado, com a chegada da família Real ao Brasil a educação perdeu o seu foco que já não era amplo.

Após a proclamação da Independência do Brasil foi outorgada a primeira constituição brasileira e em seu artigo 179 constava que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos; mesmo a instrução sendo gratuita não favorecia as classes pobres, pois estes não tinham acesso à escola, ou seja, a escola era para todos, porém, inacessível a quase todos. No decorrer dos séculos houve várias reformas, Soares cita que:

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo do Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de ensino (2002, p. 8).

É importante ressaltar, que a educação básica de adultos começou a estabelecer seu lugar na história da educação no Brasil, a partir da década de 1930, pois neste período a sociedade passava por grandes transformações, quando o sistema de ensino de educação começa a se firmar. Além do crescimento no processo de industrialização e reunião da população nos centros urbanos. A oferta de ensino era de graça estendendo-se respeitadamente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. O crescimento da educação elementar foi estimulado pelo governo federal, no qual projetava diretrizes educacionais para todo o país. Observa-se que o governo estava sempre contribuindo para melhoria da educação, no qual dando todo apoio e sua ação em fazer com que todos os cidadãos possam usufruir de uma educação de qualidade para todos.

Freire (2005, p. 30) “comenta das ideias em torno da educação de adultos no Brasil acompanhada de uma história de educação como um todo”, onde a educação passou por momentos de grandes reflexões, no qual vemos que cada período um sonho em fazer do ensino um direito de todos, para que o indivíduo possa gozar dos seus direitos.

É fundamental observarmos que em cada década, ocorreu um governo e professores com visões diferentes, na tentativa de beneficiar todas as camadas

sociais. Tentava-se buscar um método para trabalhar cada realidade de vida, possibilitando meios de ensino mais significativos, para ajudar na construção de uma educação construtivista.

Na década de 1940 foi um período de muitas mudanças na educação de adultos, quando houve grandes iniciativas políticas e pedagógicas de peso, tais como: A Regulamentação do Fundo Nacional do Ensino do INEP, como meio de incentivo realizando estudos na área, o surgimento das primeiras obras especificamente dedicadas ao ensino supletivo, lançamento da CEAA Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, na qual houve uma grande preocupação com a elaboração de materiais didáticos para adultos e a realização de dois eventos fundamentais para a área, com intuito de fazer com que a educação abra possibilidade de um ensino melhor. Gadotti (2003, p. 59) comenta também que,

A educação de adultos era gerada como ampliação da escola formal, principalmente para zona rural, sendo a mesma apropriada para trabalhar com os alunos. Além do ensino não ser algo forçado, tanto que só iam para escola as pessoas que tinham vontade de querer vencer na vida.

Com o fim da ditadura de Vargas em 1945, o país começou a viver uma grande ebulição política, quando a sociedade passou por momentos de grandes crises. Pois houve momentos de muitas críticas quanto aos adultos analfabetos, fazendo muitas das vezes as pessoas não acreditarem na busca de um ensino de qualidade. Todo esse transtorno em lutar por uma educação para todos, fez com que a educação de adultos ganhasse destaque na sociedade.

A partir desse período, a educação de adultos começou a mostrar seu valor, assumido através da Campanha Nacional do Povo. Essa campanha de educação, lançada em 1947, buscava no primeiro momento, uma ação extensa que previa a alfabetização em três meses, para depois seguir uma etapa de ação, voltada para a capacitação profissional e para o desenvolvimento comunitário.

Nos anos 1950, foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do analfabetismo (CNEA), que marcou uma nova etapa nas discussões sobre a educação de adultos. Segundo Souza (2007, p. 82) “seus organizadores compreendiam que a simples ação alfabetizadora era insuficiente, devendo dar prioridade a educação de crianças e jovens, as quais a educação ainda significa alteração em suas condições de vida”.

Durante a campanha, ideias preconceituosas sobre adultos analfabetos foram criticadas; seus saberes e capacidades foram reconhecidos. Todas essas críticas convergiram para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire. Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização orientados por Paulo Freire.

A partir daí, deu-se o exílio de Freire e o início da realização de programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores. Dentro desse contexto, em 1967, o Governo assumiu o controle da alfabetização de adultos, com a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), voltado para a população de 15 a 30 anos, objetivando a alfabetização funcional – aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo. Com isso, as orientações metodológicas e os materiais didáticos esvaziaram-se de todo sentido crítico e problematizador proposto anteriormente por Freire (CUNHA, 1999, p. 22).

Na década de 70, ocorreu, então, a expansão do MOBRAL, em termos territoriais e de continuidade, iniciando-se uma proposta de educação integrada, que objetivava a conclusão do antigo curso primário. Paralelamente, porém, alguns grupos que atuavam na educação popular continuaram a alfabetização de adultos dentro da linha mais criativa. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71, implantou-se o Ensino Supletivo, sendo dedicado um capítulo específico para a EJA. Esta Lei limitou o dever do Estado à faixa etária dos 7 aos 14 anos, mas reconheceu a educação de adultos como um direito de cidadania, o que pode ser considerado um avanço para a área da EJA no país. De acordo com Soares:

Em 1974, o MEC propôs a implantação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), que se organizavam com o trinômio tempo, custo e efetividade. Devido à época vivida pelo país, de inúmeros acordos entre MEC e USAID, estes cursos oferecidos foram fortemente influenciados pelo tecnicismo, adotando-se os módulos instrucionais, o atendimento individualizado, a autoinstrução e a arguição em duas etapas - modular e semestral. Como conseqüências, ocorreram, então, a evasão, o individualismo, o pragmatismo e a certificação rápida e superficial (1996, p. 56).

Nos anos 80, com a abertura política, as experiências paralelas de alfabetização, desenvolvidas dentro de um formato mais crítico, ganharam corpo.

Surgiram os projetos de pós alfabetização, que propunham um avanço na linguagem escrita e nas operações matemáticas básicas. Em 1985, o MOBRAL foi extinto e surgiu, em seu lugar, a Fundação EDUCAR, que abriu mão de executar diretamente os projetos e passou a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas existentes. Cunha afirma que:

A década de 80 foi marcada pela difusão das pesquisas sobre língua escrita com reflexos positivos na alfabetização de adultos. Em 1988, foi promulgada a Constituição, que ampliou o dever do Estado para com a EJA, garantindo o ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos (1999, p. 38).

Já no âmbito das políticas educacionais, os primeiros anos da década de 90 não foram muito favoráveis. Historicamente, o Governo Federal foi a principal instância de apoio e articulação das iniciativas de educação de jovens e adultos, com a extinção da educação Educar em 1990.

Com isso, criou-se um enorme vazio em termos de políticas para o setor. Alguns estados e municípios tem assumido a responsabilidade de oferecer programas na área, assim como algumas organizações da sociedade civil, mas a oferta ainda está longe de satisfazer a demanda. Acompanhando a falta de política para o atendimento, há uma grande falta de material didático e apoio, de estudos e pesquisas sobre essa modalidade educativa, tendo os educadores de enfrentar com poucos recursos suas tarefas. Nessa perspectiva, Soares comenta:

A partir do momento em que o MEC se ausenta da qualidade de articulador de uma política nacional para a EJA, os Fóruns surgem como uma estratégia de mobilização das instituições do país que estão diretamente envolvidas com a EJA, ou seja, o conhecimento do que se faz, a socialização de experiências, leva à articulação e à intervenção. Os Fóruns se instalam, portanto, como espaços de diálogos, onde os segmentos envolvidos com a EJA planejam, organizam e propõem encaminhamentos em comum. Nesse sentido, mantêm reuniões permanentes, onde aprendem com o diferente, exercitando a tolerância (1998, p. 81).

Os Fóruns mantêm uma secretaria executiva, com representantes dos segmentos, que preparam plenárias, podendo ser mensais, bimestrais ou anuais, de acordo com a realidade específica de cada Fórum. Além disso, existem as plenárias itinerantes, como a do Estado da Paraíba. A maneira como esses Fóruns se mantêm

tem sido um desafio, pois não existe pessoa jurídica que receba ou repasse recursos, sendo que a participação se dá por adesão. Nesse período, vão surgindo, também, os Fóruns Regionais, num processo de descentralização e interiorização dos Fóruns. Soares relata que:

Com o surgimento dos Fóruns, então, a partir de 1997, a história da EJA passa a ser registrada num Boletim da Ação Educativa, que socializa uma agenda dos Fóruns e os relatórios dos ENEJAs. De 1999 a 2000, então, os Fóruns passam a marcar presença nas audiências do Conselho Nacional de Educação para discutir as diretrizes curriculares para a EJA. Em alguns Estados, ainda, passaram a participar da elaboração das diretrizes estaduais e em alguns municípios, participaram da regulamentação municipal da EJA. Além disso, a Secretaria da Erradicação do Analfabetismo instituiu uma Comissão Nacional de Alfabetização e solicitou aos Fóruns uma representação. Os Fóruns, portanto, têm sido interlocutores da EJA no cenário nacional, contribuindo para a discussão e o aprofundamento do que seja a EJA no Brasil (1998, p. 33).

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9334/96 propôs, em seu artigo 3º, a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a garantia de padrão de qualidade, a valorização da experiência extraescolar e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Tais princípios estimularam a criação de propostas alternativas na área da EJA. Assim, embora a Lei tenha dedicado apenas uma seção com dois artigos à EJA, os artigos 2º, 3º e 4º tratam essa educação sob o ponto de vista do ensino fundamental, o que pode ser considerado um ganho para a área.

Outro fator de relevância foi o período de 2003 a 2006, pois o governo do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sinalizou com iniciativas para as políticas públicas de EJA com maior ênfase do que o tratamento de governos anteriores. A criação do Programa Brasil Alfabetizado envolveu concomitantemente a geração de suas três vertentes de caráter primordialmente social para a modalidade da EJA.

Primeiro, o Projeto Escola de Fábrica que oferece cursos de formação profissional com duração mínima de 600h para jovens de 15 a 21 anos.

Segundo, o PROJOVEM que está voltado ao segmento juvenil de 18 a 24 anos, com escolaridade superior a 4ª série (atualmente o 5º ano), mas que não tenha concluído o ensino fundamental e que não tenha vínculo formal de trabalho. Este tem

como enfoque central a qualificação para o trabalho unindo a implementação de ações comunitárias (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2006).

E, terceiro, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA) voltado à educação profissional técnica em nível de ensino médio. Estas vertentes apesar de buscarem a escolarização dos adultos (RUMMERT, 2007) e constituírem iniciativas ampliadas para as políticas de EJA, estabelecem ações no sentido da profissionalização, mas reforçam a ideia de fragmentação de programas, em que a certificação é meta na busca da universalização da educação e erradicação do analfabetismo sem, contudo, uma perspectiva de continuidade caracterizando a formação inicial (RUMMERT; VENTURA, 2007). Faz-se presente aí, o caráter do capital humano assinalando a força do trabalho tomada como mercadoria na produção de capital econômico (GENTILI, 1998).

Nesse sentido vejamos a situação do Brasil em relação ao analfabetismo nas cinco regiões do país, onde se frisa bem a população analfabeta. Observa-se que no período de 2007 a 2011 o número de matrícula cresceu gradativamente.

Tabela 1. População analfabeta de cada região da EJA no Brasil

REGIÃO	TAXA DE ANALFABETISMO
Norte	16,3%
Nordeste	26,2%
Centro-Oeste	10,8%
Sudeste	8,1%
Sul	7,7%

Fonte: IBGE e Censo Demográfico, 2010.

Tabela 2. Número de Matrículas

ANO	Nº
2007	3.071,906
2008	3.410,830
2009	3.777,989
2010	3.779,593
2011	4.240,703

Fonte: INEP.

Portanto, a educação de jovens e adultos no Brasil tem passado por vários processos, deste o período colonial a até os dias atuais, e mesmo assim, ainda necessita de uma maior atenção para os discentes desta modalidade de ensino, pois

é fundamental a valorização da vivência cultural, dos saberes dos alunos tratando-os como adultos conscientes de seus limites e possibilidades.

Assim, o objetivo é o de valorizar a experiência dos alunos como pessoas: jovens, adultos, com experiência de vida consolidada, mas, que estão buscando ampliar seus conhecimentos. O trabalho desenvolve-se dentro de uma perspectiva histórico – cultural. Nesse pensamento, Vygotsky sobre a origem do funcionamento mental afirma:

Que a direção do desenvolvimento intelectual prossegue do social para o individual, ou seja, busca-se no trabalho desenvolvido, responder as necessidades do aluno, por meio de inserção na sociedade, levando em consideração suas possibilidades criando e construindo um ambiente de hipóteses partindo do conhecimento de cada um (1979, p. 76).

Desse modo, temos como objetivo principal, uma alfabetização, centrada nos interesses e aspirações dos alfabetizados, partindo do conhecimento de cada um, tornando-os sujeitos da própria superação e consciente do seu papel no meio em que estão inseridos.

1.2 A EJA no Piauí

A educação de jovens e adultos no Estado do Piauí, reflete a problemática da educação brasileira, pois mostra as dificuldades enfrentadas desde os primórdios da colonização, perdurando no Império e chegando ao período republicano sem apresentar mudanças significativas capazes de redefinir o desenho que, por vezes, nos parece improvisada, da educação oferecida a esta parcela da população delimitada ao longo da história do país.

Refletindo a organização do ensino no Piauí Moura (2003) esclarece que somente a partir de 1910, este é organizado oficialmente, constituindo gradativamente estruturas de um sistema.

Em 1910 e 1947 ocorreram cinco grandes reformas, decretos lei número 1306/1946 e 1402/194, nas quais encontramos referências sobre a educação destinadas aos jovens e adultos, sendo que este período estende-se até 1961. Dessa forma a educação de adultos tem início no estado reforçando as desigualdades sociais. Aos filhos das famílias abastadas era reservado um sistema denominado literário (MOURA, 2003).

Desse modo, analisando programas, cursos e programas relacionados à educação de jovens e adultos, Moura (2003, p. 72) esclarece:

A educação de jovens e adultos constitui um tema que se tem ampliado incentivando debates e discussões em novos espaços apontando a necessidade de expandir as fronteiras de democratização do ensino na sociedade brasileira e em especial na sociedade piauiense dada a procura gradativa por esse tipo de educação.

Sendo assim, o objetivo da vinda dos jesuítas para o Piauí deu-se com o intuito de administrar as fazendas. Essa atenção voltada para a administração das fazendas envolve a atenção dos padres de tal modo que não lhes deixa espaço para as atividades culturais e educacionais, nas quais tiveram grande desenvoltura em outras regiões da colônia.

É importante observarmos a necessidade da educação de jovens e adultos expandir as fronteiras de democratização do ensino na sociedade piauiense, pois mesmo sendo desenvolvido e incentivado debates e discussões sobre esta temática, ainda tem deixado muito a desejar. Dessa maneira Moura afirma:

O EJA constitui um tema que se tem ampliado, incentivando debates e discussões em novos espaços, apontando a necessidade de expandir as fronteiras de democratização do Ensino na sociedade brasileira em especial na sociedade piauiense (2003, p. 72).

Antes da Lei nº. 5.692/71, no Piauí, o Ensino Supletivo era conhecido como: Curso Primário Noturno, frequentado por adultos em geral; Cursos de Aprendizagens, ministrado pelas Empresas; Serviço Nacional do Comércio – SENAC e exames de Madureza. O curso Primário Noturno e os Exames de Madureza ofereciam Supletivo em formação geral, sem caráter profissionalizante, enquanto os Cursos de Aprendizagem se voltavam para a profissionalização dos adolescentes.

Com isso, antes da implantação da Lei, as atividades relacionadas ao então Ensino Supletivo na Secretaria Estadual de Educação eram executados por uma Divisão de Adolescentes e Adultos – DAA. Com o advento da Lei nº. 5.692/71, a Secretaria passa por uma reestruturação e cria o Departamento de Educação Especial e Complementar, DECOM – pela Lei delegada n.66, de 21 de outubro de 1971. Esse departamento era responsável pelo Ensino Supletivo destinado a atender jovens e adultos que se encontravam fora da faixa etária permitida por lei (7

a 14 anos). Funcionou em 33 cidades, dentre as quais de destacavam Teresina, Parnaíba, Floriano, Campo Maior, Picos e Oeiras. A tabela a seguir mostra o número de alunos matriculados, no ano de 1971:

Tabela 3. Número de alunos matriculados no ensino supletivo piauiense no ano de 1971.

CIDADE	Nº DE ALUNOS MATRICULADOS	%
TERESINA	11 106	56,4
PARNAÍBA	1 509	7,7
FLORIANO	938	4,8
PICOS	380	1,9
CAMPO MAIOR	1 262	6,4
OEIRAS	585	3,0
OUTROS MUNICÍPIOS	3 900	19,8
TOTAL	19 680	100,0

Fonte: Relatório de Atividades – SEED/1971

No Piauí a atuação do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, no início dos anos 70, foi muito intensa. De acordo com Informações coletadas em documento existente nos arquivos da Secretaria intitulado “*Aspectos do Sistema Educacional Piauiense*” (1980, p. 10), afirmam:

Em 1978 existiam 89.840 alunos maiores de 14 anos matriculados nas escolas de 1º grau de ensino regular, enquanto o déficit de atendimento da população escolarizável era, naquele ano, ainda elevado. Além de reduzir as oportunidades de atendimento à população escolarizável da faixa etária de 7 a 14 anos, a presença desses alunos representa problema de ordem pedagógica, resultante da heterogeneidade etária, comprometendo o rendimento escolar e concorrendo com a elevação das taxas de repetência e evasão.

Em virtude dos fatos citados, fica claro que por muitas vezes os problemas pelos quais os alunos não tinham concluído e/ou continuado o seu processo de escolarização, eram atribuídos a eles próprios. A escola ou o sistema não tinham nenhuma responsabilidade.

Com isto, a oferta do ensino na EJA, se deu com o propósito dos jovens e adultos recuperar o tempo perdido e deixar os espaços destinados aos alunos do ensino regular, onde a demanda de matrícula por esta modalidade de ensino obteve um crescimento de 11% no espaço de um ano.

O Ensino Supletivo no Estado do Piauí integra o compromisso com a educação básica de adolescentes e adultos por meio de Cursos, Programas e Projetos, fundamentados nas funções de suplência, suprimento, qualificação e aprendizagem, possibilitando aos alunos alijados do processo educativo, a formação mínima necessária ao seu desempenho pessoal e profissional.

Dentre os projetos, programas e cursos, destacamos o Programa de Educação Integrada – PEI, que foi implantado em fase experimental em 1971, dava continuidade à alfabetização e atingiu massivamente todo o Estado. Este programa oferecia cursos equivalentes as séries iniciais do 1º grau, realizado inicialmente em convênio com o MOBREAL, sendo que a partir 1972 a responsabilidade foi transferida totalmente para as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Utilizava a metodologia de ensino globalizado fundamentada em textos geradores e na experiência do aluno, atendendo aquelas pessoas que ficaram a margem da escola regular e na faixa etária dos 15 anos e mais. O Relatório Avaliação do ensino supletivo urbano (1988, p. 20), ao discorrer sobre o PEI afirma:

O Programa de Educação Integrada oferece aos adolescentes acima de 14 anos e aos adultos ensino equivalente às quatro primeiras séries de 1º grau, com carga horária anual prevista de 720 h, funcionando a noite em prédios cedidos pela rede regular de ensino. A metodologia adotada assemelha-se a do ensino regular, baseando-se nos princípios de funcionalidade e aceleração. A funcionalidade é entendida como a seleção de conteúdos e atividades educativas fundamentais na experiência de vida do educando. A aceleração consiste no alcance dos objetivos mais rapidamente, em razão, do aproveitamento das condições bio-psicológicas e das experiências de vida do aluno.

Dessa forma, o que preocupava os profissionais envolvidos com o PEI, na época, era o fato de que o sujeito alvo não eram alunos comuns, mas um público específico composto de pessoas que, por razões diversas, se afastaram da escola. Esse aspecto tornava o trabalho complexo, devido ao professor não ter recebido nenhuma formação que o habilitasse a trabalhar com adultos, dificuldade enfrentada até hoje, por esta modalidade de ensino nas redes estaduais e municipais.

O PEI foi reestruturado em 1984 e passou a ser denominado Programa de Educação básica – PEB conservando a estrutura e metodologia, depois Curso de Suplência de 1º grau.

A partir de 11 de fevereiro de 1993, o Curso de Suplência de 1º grau, passou a ter duração de cinco anos letivos distribuídos em cinco etapas, sendo a primeira equivalente a alfabetização com duração de um ano letivo e as demais equivalentes a duas séries por etapa (CEE, 1993).

Diante dessas constatações, observa-se que a educação de jovens e adultos no Piauí passou por vários processos, sendo que durante esta jornada foram criados muitos programas que deram ênfase a esta modalidade de ensino, e mesmo assim, ainda existem inúmeras dificuldades para manter na sala de aula estes alunos da EJA. Portanto, é necessário que todos os envolvidos nesta modalidade de ensino passem a dar maior importância para a mesma, pois a maioria dos alunos da EJA são trabalhadores que necessitam aprimorar seus conhecimentos, para atuarem dentro da sociedade.

CAPÍTULO II – A FUNÇÃO DO EDUCADOR PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O bom professor é sempre um bom leitor e um incentivador da leitura. Para tal, não se cansará de criar situações desafiadoras, que estimulem os alunos a ler e a gostar de ler e sentir prazer no que estão fazendo.

O professor deve criar e manter em sua sala de aula um ambiente sadio de atenção, de ordem, participação e trabalho, atuando como mediador entre o aluno e o material disponível. Portanto, para que haja a apropriação do conhecimento é necessário que ele utilize-se de estratégias que expliquem, informem, mostrem e corrijam, criando assim, situações significativas para ao aluno. De acordo com Freire:

Ensinar não é transferir conhecimentos, pois o educador necessita de outros saberes, dentre eles o respeito aos saberes do educando, para isso, ensinar exige humildade educacional para entender o educando como cidadão que já possui uma leitura de mundo (1999, p. 118).

Na sua prática cabe ao professor descobrir a melhor maneira de ensinar a leitura a partir do conhecimento cultural do aluno, ensinar o conhecimento escolar num processo onde o saber científico só será apreendido quando o conteúdo tiver significado na vida do educando.

Para Silva (2003, p. 41) “leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio – cultural”. Dessa forma, a importância da prática da leitura está em ser uma atividade essencialmente necessária a qualquer área do conhecimento, e mais ainda, a própria vida do homem, por ser uma via de acesso a herança cultural e uma forma de situar-se no mundo, pois constitui-se em um patrimônio histórico – cultural através do qual o aluno estabelece relação entre o presente e o passado.

Portanto, para que haja um ensino eficaz no momento da leitura, o educador deve proporcionar estratégias que incentivem os discentes a gostarem de ler. Portanto, devemos levar em consideração quatro etapas, segundo Bamberger (1994).

1) Incentivar o potencial do indivíduo em sua leitura, pois ela é um instrumento de aprendizado, de relaxamento e diversão, é uma ferramenta lúdica que nos permite explorar mundos diferentes dos nossos, reais ou imaginários. 2) Ampliar constante o

interesse de leitura dos estudantes, pois o trabalho de leitura deve contemplar o amplo conjunto de estratégias complementares que os alunos utilizam na sua apresentação á leitura. 3) Estimular atitudes que levem a um interesse permanente de muitos gêneros e para inúmeros fins. 4) Com isso, os alunos devem se dar conta de que aprender é interessante e divertido, e que esse aprendizado lhe permitirá ser mais autônomo. Nesse sentido, Freire (1989, p. 30) nos coloca que:

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelam a realidade agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra.

O papel do educador é mediar a aprendizagem da leitura, priorizando, nesse processo, a experiência de conhecimento trazida por seus alunos, ajudando - os a transpor esse conhecimento para o conhecimento letrado. Com isso, de acordo com Luckesi (2002, p. 123):

O professor não deve levar adiante a leitura como um castigo, ou exercício mensurável com respostas prontas, a liberdade de escolha, a multiplicidade de leituras oferecidas, as oportunidades de contato com vários livros, em bibliotecas, livrarias e locadoras são importantes. Jornais, revistas, notícias atuais e livros do momento despertam a atenção daqueles que preferem os fatos mais próximos e concretos. A televisão e o computador também podem serem usados com apoio e fato motivador na escolha da leitura.

Os textos trabalhados devem ser adequados à realidade social e ao nível de aprendizagem do aluno, não se limitando apenas a ratificação de ideias do autor como se fossem verdades absolutas. Como observa Soares (1998, p. 26) os educadores precisam reconhecer que:

Um adulto pode ser analfabeto porque marginalizado socialmente e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que os leem para, se dita cartas para que um alfabetizado a escreva. [...] se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esses analfabeto é, de certo modo letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais da linguagem escrita.

Sendo assim, quando o aluno da EJA chega ou retorna a escola, o professor deve considerar a bagagem que ele já traz através da linguagem no decorrer de suas vidas, pois com isso os alunos poderão se envolver mais nas aulas e passar a se interessarem no processo de aquisição da leitura de forma prazerosa. De acordo com Rosing (1999, p. 72):

Saber ler é saber pensar; ser cidadão é ter capacidade de fazer leituras dos diferentes textos da vida moderna e de posicionar-se frente a esses textos; ser cidadão é ter habilidade de ler a ideologia dos diferentes textos, do texto escrito, dos textos dos meios de comunicação, dos textos orais, dos textos do silêncio.

No entanto para se tornar um aluno alfabetizado, não deve apenas aprender a decorar “ABC”, mas a compreender a leitura e escrita em diversos contextos, pois os jovens e adultos necessitam ser motivados para transformarem a si mesmos e o meio onde vivem.

Segundo Rosing (1999, p. 52), a leitura é o que dimensiona o cidadão, da modernidade, porque existe uma dimensão social e política em qualquer experiência de leitura, e a leitura lúdica, em especial a do texto literário, é um campo de plena liberdade para o leitor.

2.1 Paulo Freire: métodos e práticas

Segundo Freire (1999, p.110 apud SEDUC, 2009) “a metodologia proposta para um programa de alfabetização de jovens e adultos deve ser coerente com os objetivos a que se propõe”. Se o objetivo se restringe a aprendizagem dos rudimentares da linguagem escrita, os tradicionais métodos alfabéticos e silábicos são suficientes e já provaram sua eficácia. Se o objetivo é formar usuários da linguagem escrita, capazes de utilizá-la para diversos fins, é essencial que os alfabetizados tenham a oportunidade de entrar em contato com textos reais e com práticas que demandam a leitura e a escrita significativa desde o início do processo de aprendizagem, pois desse modo, eles poderão aprender, concomitantemente como funciona o sistema alfabético, como são organizados os diversos tipos de texto e quais as marcas linguísticas que caracterizam cada um deles.

Ou seja, devemos pensar numa alfabetização que incentiva a criatividade, o raciocínio, o desejo de aprender e a responsabilidade com o auto desenvolvimento e

com o desenvolvimento social. Foi por este motivo que de acordo com Freire (1999, p.111 apud SEDUC, 2009) em lugar de professores, com tradições fortemente doadoras, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar do aluno, com tradições passivas, o participante do grupo.

A educação de jovens e adultos necessita de alunos ativos dentro da sala de aula, pois o aluno que só recebe as informações do professor e não tem o direito de dar o seu ponto de vista não se tornará um aluno ativo na sociedade no qual está inserido. Além disso, o professor também deve estar consciente do seu papel como educador observando que a alfabetização de jovens e adultos surge da necessidade de responder ao problema histórico do analfabetismo e os interesses dos alfabetizandos, vinculados as situações que emergem da cultura letrada no mundo do trabalho e na vida cotidiana. Pois se essa alfabetização deve responder as exigências da realidade, poderá fazê-lo a partir da própria experiência de vida do alfabetizador e do alfabetizando, apoiando-se não só nos conteúdos elaboradas pelas instituições, mas também nas necessidades, nas expectativas e nos interesses dos alfabetizandos, no sentido de contribuir para o desenvolvimento histórico – cultural de cada sujeito e da própria sociedade.

Nesta perspectiva o autor desenvolveu uma pedagogia e apresentou algumas categorias que são utilizadas na alfabetização de jovens e adultos. Freire (1999, p. 112 apud SEDUC, 2009) aponta alguns passos metodológicos a seguir:

a) A partir da reflexão sobre a realidade dos alfabetizados provoca, no currículo cultural, uma discussão com o objetivo de relacionar um tema específico relacionado ao contexto da vida dos alfabetizandos. b) Quando a turma demonstrar predileção por um desses temas o educador passa a problematizar e a sistematizar a discussão por meio do diálogo. c) Provocados pelos questionamentos dos alfabetizandos, os alfabetizandos dão início ao processo de construção sobre o tema em questão. d) O texto coletivo é, então, elaborado pelos educadores, que escrevem os ditam as frases para o alfabetizador coordena uma reflexão crítica para verificar a necessidade de ajustes. Em seguida faz a leitura do texto. f) Depois, a turma faz uma leitura coletiva juntamente com o alfabetizador, que acompanhará.

O educador necessita estimular os discentes a obterem o hábito da leitura de forma prazerosa, para que eles possam se tornar cidadãos ativos dentro da sociedade, além disso, precisa aperfeiçoar suas metodologias, para assim apropriá-las a seus educandos e desenvolvê-los na aquisição da leitura.

A esse respeito, Freire (1996, p. 55), complementa dizendo que “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, ou seja, a leitura do mundo precede a leitura da palavra.” Com isso, o professor, como sendo um mediador do conhecimento, precisa estar capacitado e preparado para provocar em sala de aula, a partir de leituras diversificadas, discussões que conduzam os alunos ao estabelecimento de elos com outras realidades, permitindo assim, a efetivação do real sentido do que está sendo lido.

Nesse contexto, para que aconteça uma alfabetização eficaz, onde os educandos possam ter liberdade de se expressarem nas aulas, podendo discutir tipos de textos que utilizam-se no cotidiano, é necessário que eles tenham o seu espaço na sala de aula, pois os mesmos quando retornam à escola trazem consigo uma carga de sentimento de inferioridade, fruto, principalmente, dos fracassos escolares pelos quais passaram. Dessa forma para que eles possam desenvolver a leitura de forma prazerosa, necessitam estarem envolvidos nas aulas e ao mesmo tempo estarem conscientes da necessidade de aprimorarem a leitura para se tornarem cidadãos críticos na sociedade, sabendo dos seus direitos e deveres.

2.2 Alfabetização e letramento na EJA

A alfabetização de jovens e adultos desenvolvida nas instituições escolares é marcada pelas ideologias e características da história e da cultura nas quais se insere. Não há como desconsiderar a sociedade grafocêntrica em que se vive e as significações atribuídas ao aprendizado da leitura e da escrita, tanto pela instituição escolar como pelos próprios indivíduos nela inseridos.

Dessa forma, considerando que os discentes da EJA, vivem numa sociedade letrada e que a escrita é um processo marcante no cotidiano, ressalta-se que as atividades extraescolares também desenvolvem experiências ricas e importantes para a integração social. De acordo com Soares:

Alfabetização, corresponderia ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia – a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-la para ler e escrever. Dominar tal tecnologia envolve conhecimento e destrezas variados, como compreender o funcionamento do alfabeto, memorizar as convenções letra-som e dominar seu traçado, usando instrumentos como lápis, papel ou outros que os substituam (1998, p. 47).

Com isto, deve-se concordar com o que diz Magda Soares (1998) “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar o ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”. No entanto, Kleiman afirma que:

Os aspectos das práticas de letramento não são determinados apenas pela cultura, mas também pelas estruturas de poder na sociedade. Este modelo questiona as consequências sociais e cognitivas de letramento de carácter universal. Para pensar nas práticas, precisamos conhecer as práticas discursivas de grandes grupos que se inserem precariamente nas sociedades letradas, particularmente as práticas de letramento de grupos não escolarizados (1997, p. 57).

Desse modo, a alfabetização e a escolarização são apenas alguns dos tipos de prática de letramento e o processo de interação com o contexto social é um dos fatores determinantes para o processo de aprendizagem, desenvolvimento e letramento. A alfabetização não é uma ação prioritária para a fase infantil da vida.

Ferreiro (2000, p. 09) cita que “é recente a tomada de consciência sobre a importância da alfabetização inicial como a única solução real para o problema da alfabetização remediativa (de adolescentes e adultos)”. A esse respeito Pinto (2003, p. 83) enfatiza dizendo que:

O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento frequentemente de alta influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo.

Diante do exposto, observa-se que os jovens e adultos vivem em uma sociedade, que impõe o aperfeiçoamento dos cidadãos diariamente, pois para sobreviverem de forma igualitária, necessitam serem instruídos para compreender e atuar melhor no meio que vivem. A escola deve aproveitar os conhecimentos que os alunos carregam durante toda trajetória de vida, e assim poder ajudar os mesmos a terem uma consciência crítica dentro da sociedade no qual estão inseridos.

2.3 A importância da leitura para os jovens e adultos

A leitura é uma forma de integrar os jovens e adultos na sociedade inserida, além disso, ajuda os mesmos a compreenderem melhor o mundo que os rodeia, por isso, a maioria desses jovens e adultos retornam a escola e decidem estudar, depois de um certo tempo, pois muitas vezes se sentem de uma certa forma “excluídos da sociedade”, então o processo de aquisição da leitura é um dos principais interesses desses alunos na escola. Desse modo:

É importante ressaltar que a alfabetização, apesar de ser um componente essencial para a formação de leitores, não é suficiente, em si mesmo, para garantir a evolução da leitura numa sociedade. De que adianta “saber ler” se os objetivos de leitura (livros, jornais, revistas, etc) não são colocados á disposição do indivíduo? (SILVA, 1983, p. 23).

Sendo assim, a leitura deve ser vista como sendo uma atividade, que estimula a conscientização, questionamento, criatividade e crítica, possibilita ao leitor se aprimorar e usufruir dos “bens culturais”; posicionar-se frente a assuntos diversificados.

É preciso que se tenha consciência da importância da leitura, para a libertação dos educandos, explicitando que não basta ser apenas alfabetizado. Com isso, Saviani apud Silva (1983, p. 35) nos coloca que:

O domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valerem os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se utilizam exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação.

Ou seja, adquirir o acesso e domínio da leitura é passar de seu estado de passividade, para questionar, reformular os textos. Deste modo se comunicar, colocando suas ideias, aspirações, ou seja, expor seus interesses e de sua classe; lutando para que sejam aceitas.

Ler é um ato libertador e quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura (...) uma sociedade que sabe expressar sabe dizer o que quer, é menos manobrável (ANGELO apud SILVA, 1983, p.45).

Por isso fica evidente o quanto se torna imprescindível o hábito da leitura, pois favorece no desenvolvimento da capacidade crítica do cidadão, sendo que o aluno da EJA precisa estar sempre buscando cada vez mais aprender a ler dando significação no contexto de leitura, para poder de tornar autônomo e independente para tomar suas decisões com autonomia. Nesse sentido, de acordo com Silva (1993, p. 33):

Ler um texto criticamente e raciocinar sobre os referenciais da realidade desse texto, examinando cuidadosamente e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais.

Além disso, a leitura é abordada como instrumento de poder que vem através dos tempos assumindo seu papel na sociedade, que é o de contribuir como decodificadora de signos, embora vá além deste nível. Freire (1999, p.29), comenta “os signos são os próprios fatos, acontecimentos situações reais ou imaginárias em que os sons, paisagens, imagens tendem a melhorar a relação homem – meio – mundo”.

A esse respeito, Kleiman (1997), “aborda a leitura de mundo através da atuação do conhecimento prévio, essencial á compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto, mundo, que lhe permita fazer as inferências necessárias para relacionar partes de um texto num todo coerente”.

Dessa maneira, a leitura é a chave para os jovens e adultos ampliar seus conhecimentos, pois é através dela ou mesmo pelo hábito de ler que o indivíduo habilita-se a exercer os conhecimentos culturalmente construídos e dessa forma escala com maior facilidade os novos degraus do ensino, e em consequência atinge também sua realização profissional.

O ato de ler é função primordial da escola, e é esta que possibilita o educando a ler o mundo e a construir a sua própria história. Se observarmos a realidade que nos cerca, não existe outro caminho senão investir na educação para todos, sem discriminação, necessidade de que se ultrapasse a estrutura educacional atual. Com isso, Freire (1999, p. 34) enfatiza que:

A leitura do mundo procede sempre a leitura da palavra e a leitura deste implica a continuidade da leitura daquele... de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas procedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo “ ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Sendo assim, é importante no ensino da leitura considerar os conhecimentos prévios dos discentes, construídos ao longo de sua vida, a leitura de mundo que fazer e a partir daí, mediados pelo mundo, estabelecer um diálogo com o texto/autor dando sentido a leitura gerando conhecimentos e refinando os modos de perceber, sentir e compreender a vida e o mundo.

2.4 O papel da escola na formação de leitores na EJA

O ato de ler faz parte da vida cotidiana do sujeito em todos os vértices da sociedade. Desse modo, é de extrema importância que a escola, como sendo uma instituição social, assuma de forma consciente a responsabilidade pela construção de uma educação de qualidade, relacionada a formação de leitores críticos que sejam capazes de construir a cada dia um aprendizado flexível e significativo através do hábito de ler. Nesse pensamento, Furtado (2000, p. 66) discorre sobre a ideia de que aprender a ler de forma significativa acaba por auxiliar a ascensão a novos graus de ensino e a novos caminhos dentro da sociedade, fazendo uma nova leitura dessa sociedade de maneira conscientizada.

Dessa maneira, a prática da leitura na sala de aula da EJA, ou seja, na condução do ato de ler devem ser considerados subsídios essenciais na formação de alunos leitores críticos que façam da leitura um aprendizado contínuo, recíproco a troca de experiência e saberes de forma contextualizada entre teoria e prática.

De acordo com o exposto, Oliveira (2006, p.33), afirma que: “ler nos modifica para sempre (...). Ensinar um aluno a ler criticamente também é uma experiência transformadora. Abre janelas para o mundo e cria uma infinidade de oportunidades de participação e fortalecimento de sua identidade como cidadão do mundo”.

Nessa perspectiva, Martins (1999, p.31), comenta dizendo que existem muitas concepções de leitura e estas podem restringir-se a duas características essenciais na prática da leitura, são elas:

A primeira como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista–skinneriana); e a segunda como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais econômicos e políticos (perspectiva cognitiva sociológica).

Com isso, percebe-se que as abordagens correlacionadas à prática da leitura são dependentes e interligadas, ou seja, uma necessita da outra para que a leitura se concretize de maneira eficaz. Nesse contexto, Smolka (1999, p.17) afirma que a “leitura é certamente uma atividade humana, reflexiva e crítica e não se resume a decifração mecânica”.

Portanto, não é vista pela autora como simplesmente um comportamento de leitura, decifração, mas como uma forma de linguagem, de natureza dialógica, já que, através da aprendizagem da leitura, o aluno desenvolve suas habilidades de reflexão, expande seus conhecimentos e age na sociedade de maneira intensa e direta.

Pode-se mencionar que é por meio da aprendizagem da leitura que os alunos da EJA desenvolvem suas competências e habilidades de reflexão, expandem seus conhecimentos e comportam-se na sociedade de maneira ativa e consciente. No entanto, é indispensável destacar que em muitos estabelecimentos escolares ainda existe a necessidade de responsabilidade e compromisso por parte de profissionais que atuam na educação pela busca constante na formação de leitores, na qual o professor – leitor deverá ter clareza sobre a real importância que a leitura representa na vida humana, visto que, o ato de ler permite o desenvolvimento do senso crítico, aprimorando a capacidade e as possibilidades de participação social. Com isso, Rosing afirma (1999, p. 76):

O gosto pela leitura se constrói, se ensina, se fomenta, se estimula, tornando-se necessário à vida do leitor, e o texto lúdico tem, com certeza, a dimensão do prazer, mesmo sabendo que o prazer de ler é um processo individual, pois cada indivíduo tem o seu gosto próprio especialmente no texto literário, em que o leitor extrapola os limites do real e do racional.

Dessa forma, fica claro que os jovens e adultos quando retornam a escola, devem ser estimulados a aprender a gostar da leitura, sendo que cada um tem sua individualidade e suas necessidades e opções, então, cabe a escola fazer uma

sondagem das suas preferências e necessidades, pois assim poderá incentiva-los o gosto pela leitura. De acordo com Freire (1995, p. 98):

Ninguém é analfabeto porque quer, mas como consequência das condições de onde vive. Há casos, onde o analfabeto é "o homem ou mulher que não necessita ler e escrever", em outros é a mulher ou o homem a quem foi negado o direito de ler e escrever.

Entretanto, diante de várias situações que os jovens e adultos passaram, para serem alfabetizados, ainda hoje sofrem inúmeras consequências, pois muitos desses homens e mulheres tiveram muitas dificuldades em suas vidas, e por isso sentem a necessidade de estudar. A educação de jovens e adultos é uma oportunidade que os educandos desta modalidade de ensino tem de melhorarem suas vidas. Sendo que, para a maioria deles o principal objetivo é adquirir a leitura, e com isso, a sala de aula deve ser adequada a esses alunos, ou seja eles devem se sentir importantes no ambiente escolar, pois para se tornarem pessoas independentes necessitam de uma leitura fluente.

2.5 Reflexões sobre a prática da leitura na EJA

A prática da leitura na EJA é um dos fatores fundamentais nesta modalidade de ensino, pois o que se observa é que geralmente chega-se ao final do ano com uma minoria de alunos, então para que isto não aconteça deve-se buscar meios para estimular os discentes a aprimorarem a leitura e assim poderem participar de forma ativa na sociedade.

Nesse sentido, a leitura é fator primordial na vida do sujeito. Portanto necessita-se que toda a instituição escolar participe de forma presente de tal maneira que os professores sejam leitores críticos revejam suas posturas em relação às condições de leitura trabalhadas com seus alunos para poder fazer um trabalho que venha contribuir no processo de formação de leitores críticos e reflexivos.

Cagliari (1991, p.13) caracteriza que de tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos, a leitura, é sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação. Um leitor crítico tem a capacidade de mudar, transformar situação, ou seja, o seu contexto sócio – cultural e histórico. De acordo com o exposto, Oliveira (2006, p. 33) afirma que:

Ler nos modifica para sempre (...). Ensinar um aluno a ler criticamente também é uma experiência transformadora. Abre janelas para o mundo e cria uma infinidade de oportunidades de participação e fortalecimento de sua identidade como cidadão do mundo.

Dessa maneira, ler com criticidade é necessário que o indivíduo passe a enxergar como novos olhos a sociedade em que está inserido agindo como ser histórico incluído em um contexto social, político, cultural, ético, religioso e principalmente econômico, no qual dita as regras para nosso cotidiano, como uma ditadura pedagógica, onde o sistema educacional impõe que tipo de leitura deve ser implantado nas escolas, resultando assim, meros leitores passivos isentos de reflexão e crítica.

Percebe-se assim, que ocorre certo descaso perante o ato da leitura, já que é um processo que era para envolver todo corpo docente da instituição escolar acaba por ficar limitado na responsabilidade da minoria e por um tempo muito limitado. Segundo Silva (1983, p. 78):

Tradicionalmente, acredita-se que a tarefa de ensinar a ler e escrever é um feudo exclusivo da disciplina de Língua Portuguesa, o que não combina com a ideia contemporânea que a leitura e a escrita são ferramentas essenciais para o aprendizado em qualquer área.

Constata-se que não só o professor de Língua portuguesa deve se encarregar pela leitura mais sim toda a instituição escolar, todos os agentes educacionais.

Com isso, Martins (1991, p. 7) destaca que “o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e o leitor visto como decodificador da letra”. Dessa forma, a escola costuma resumir o trabalho da leitura simplesmente à mera análise de textos, que muitas vezes, sequer condizem com a realidade dos discentes. Durante (1998, p. 69) afirma que a leitura deve ser trabalhada como busca de significado, estabelecendo – se relação do contexto com o texto, para antecipar e inferir sobre o sentido do texto. Para isto, deve-se priorizar a diversidade de textos de uso social. A educadora elenca alguns deles:

- a) Textos da vida cotidiana: cartas, listas, receitas, informes, cartazes, textos instrucionais, rótulos.
- b) Textos de gênero literário: contos, crônicas, lendas, poemas, letras de músicas.
- c) Textos de tradição oral: provérbios, literatura de cordel.

- d) Texto dos meios de comunicação: jornal (notícias, anúncios, artigos de opinião, quadrinhos, entrevista, tabelas, gráficos).
- e) Textos de informação científica: textos informativos científicos de diferentes fontes, enciclopédias, revistas, livros didáticos etc), relato histórico, biografia e verbetes de dicionário.

Dessa maneira, a leitura constitui-se num instrumento de produção e reprodução. É esta um bem cultural onde o ser humano se constrói como sujeito de sua própria história, interagindo no seu mundo ou na sociedade em que vive; assim a leitura propiciará a mudanças almejadas pela sociedade. “Edificar o seu comportamento de determinado modo” (SEAGOE, 1998, p. 7).

No entanto, muitos órgãos públicos e o próprio sistema de ensino, fazem com que a escola, na maioria das vezes, censure, o educando com um ser pensante, que busca suas próprias verdades e isso acaba por sufocar aqueles alunos que tem autonomia. Nesse sentido, as escolas têm se limitado a formar alunos disciplinados, enquadrados, burocratizados, formados a partir de um ensino autoritário, cujo conteúdo muda de acordo com as teorias mais aceitas pelos discursos de verdade. O modelo de escola que se conhece visa perpetuar teorias burocráticas, impedindo a manifestação das singularidades (BELTRÃO, 2000, p. 14).

Desse modo, é de extrema necessidade a formação de indivíduos com capacidade de análise e crítica, e não simplesmente um decodificador de signos; conseqüentemente se torna oportuno preparar o educando não apenas para trilhar por páginas de determinados livros, onde muitas teorias são tidas como “verdades absolutas”. Como também não abrindo oportunidades para deixar esse aluno fazer sua própria interpretação acerca do determinado livro, onde muitos professores aceitam apenas as suas interpretações como as únicas possíveis, portanto as únicas aceitas. Nesse contexto, Silva (2003, p.44), explicita que o ideal seria se o educador:

Se convença de que a sua interpretação de um texto não é a única possível. Isto quer dizer que ele deve abrir espaço e, dentro de um clima democrático e empático, para que os estudantes (leitores) expressem as suas maneiras de ver o texto e os sentidos que conseguiram produzir.

Assim, o que se tem observado em muitas escolas, é que as mesmas não têm formado leitores críticos e ativos que levam adiante pela vida esse interesse

de ler, visto que, muitos deles realizam apenas leituras exploratórias ou exigidas pela própria escola para a realização de determinada atividade. Com isso, o desinteresse pela leitura na EJA é fator determinante para os alunos continuarem desmotivados e acabarem até desistindo de correr atrás dos seus objetivos e de se tornarem alunos letrados.

Dessa maneira, é de se esperar que a instituição escolar, como local público que precisa repensar suas finalidades, fazendo-se realmente público, assuma a EJA, sem adotar nenhuma forma de exclusão que impeça o acesso ao conhecimento como: pensar o insucesso do aluno desvinculado do contexto social onde é produzido, atribuindo a ele problemas de ordem pessoal ou individual, e não como uma forma de rejeição do próprio sistema pela escola representado.

CAPÍTULO III – ESCOLA MUNICIPAL DUQUE DE CAXIAS: PRÁTICAS E CONTEXTOS DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O início do processo de aprendizagem da leitura, pelos alunos jovens e adultos devem diferenciar visualmente cada letra impressa, percebendo e relacionando este símbolo gráfico com seu correspondente sonoro. Entretanto, para que haja leitura não basta apenas à decodificação dos símbolos, mas a compreensão e a análise crítica do texto lido. Nesse sentido, percebe-se a leitura como um testemunho da palavra escrita, sendo uma atividade extremamente importante para o homem na sociedade.

Porém, o que acontece em muitas vezes na educação de jovens e adultos é que não existe uma compreensão eficaz do texto que foi lido, o que acaba por deixar a prática da leitura um ato desinteressante. Percebe-se então que refletir esse processo – a prática da leitura na EJA – faz de extrema importância para todos os educadores.

3.1 Os Caminhos da Pesquisa

Para a construção deste estudo, optou-se pela pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, sendo que para atingir os objetivos propostos, adotamos uma abordagem qualitativa.

A pesquisa bibliográfica é uma abordagem que consiste em fazer um levantamento de material com dados já analisados e publicados. Nesse sentido, como em qualquer estudo e investigação, a pesquisa bibliográfica é condição capital para colhermos substrato teórico referenciador e substantivo da literatura acerca da matéria em estudo, no que concerne à discussão dos elementos constituintes e conceitos trabalhados na realização da pesquisa. O uso da literatura pertinente é fundamental e substancial, também para visualizarmos as relações entre o objeto de estudo em um contexto maior de conhecimento, em uma abordagem multi e interdisciplinar.

Algumas referências teóricas foram trabalhadas como fundamentação para a construção das pretensões deste trabalho, outras tantas foram buscadas para substratar o seu desenvolvimento, considerando os objetivos perseguidos que,

com a maior responsabilidade possível, procuramos pesquisar de forma que pudéssemos obter resultados da qualidade almejada, ou seja, que o trabalho obtivesse o predicado pretendido conforme o expressado nos objetivos anteriormente projetados.

Com relação à escolha da abordagem de pesquisa qualitativa, apontamos nas palavras de Diehl e Paim (2002, p. 74) onde descrevem que:

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema, a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Quanto a pesquisa de campo, utilizamos de maneira exploratória, com vistas a conhecer a realidade a qual estamos pesquisando. Para isso utilizamos como ferramentas de pesquisas entrevistas semiestruturadas, porque a entendemos como o meio que mais efetivamente poderá nos permitir a concretização do objeto pretendido neste estudo. Gil (1993) ainda complementa que esta técnica “é guiada por uma relação de questões de interesse, tal como um roteiro, que o investigador vai explorando ao longo de seu desenvolvimento”.

3.2 Cenário da pesquisa

O espaço que nos serviu de fonte para a realização desta pesquisa foi a Escola Municipal Duque de Caxias, da rede pública de ensino, situada na Rua da chef s/n, Bairro – Aerolândia, na cidade de Picos – PI. A referida instituição escolar atende alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, e na Educação de Jovens e adultos (EJA) da 1ª a 4ª etapa, nos horários da manhã, tarde e noite, sendo esses alunos provindos do próprio bairro e de bairros circunvizinhos.

Em relação ao aspecto físico e organizacional da escola, esta possui 01(uma) diretoria, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de informática, 05 (cinco) salas de aula, (01) uma cantina, 02 (dois) sanitários masculinos, 02 (dois) sanitários feminino, 01(sanitário) para os alunos especiais, 01(um) e um depósito de merenda. Possui também um pequeno pátio.

Enfatizando sua organização administrativa, a escola dispõe de 32 (trinta e dois) funcionários, sendo 01 (uma) diretora titular, 01 (uma) coordenadora e 02 (duas) secretárias. O quadro docente da escola em sala atualmente é composto por 19 professores (dezenove) professores distribuídos pelos três turnos: manhã, tarde e noite. A escola conta ainda com 03 (três) vigias e 06 (seis) pessoas lotadas em serviços gerais.

Com relação aos profissionais envolvidos diretamente na sala de aula, constatamos que na escola existem 19 (dezenove professores), sendo que todos já possuem ensino superior completo. O quadro discente é formado por cerca de 142 (cento e quarenta e dois) alunos matriculados, sendo que 58 (cinquenta e oito) alunos fazem parte da EJA.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

A pesquisa de campo em questão envolveu 01 (uma) diretora que nos forneceu dados sobre a instituição de ensino, 02 (duas) professoras da EJA (1ª e 2ª etapa). 05 (cinco) alunos da 1ª etapa e 03 (três) alunos da 2ª etapa da EJA. As entrevistas realizadas tiveram como eixo principal “o desenvolvimento do ensino da leitura na EJA”.

3.4 Resultados e Discussão

3.4.1 Docentes

Em relação às professoras, que participaram da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as 02 (duas) docentes, ambas se prontificaram a responder. Nesse trabalho as mesmas serão identificadas através da letra (P), “P1” (professora da 1ª etapa da EJA) e “P2” (professora da 2ª etapa da EJA).

A professora “P1” declarou ter 29 anos de idade e é graduada em licenciatura plena em pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI campus de Picos. Afirma exercer a profissão docente a 03 (três) anos e a 02 (dois) anos trabalha na EJA, a mesma declara também ser concursada pelo município de Picos – PI e já ter participado de uma capacitação especial para trabalhar na EJA, pelo Instituto Federal (CEFET) que se chama Proeja.

A professora “P2” afirma ter 39 anos de idade e é graduada em licenciatura plena em pedagogia pela Faculdade CEERSEMA. Afirma exercer a profissão docente a 05 (cinco) anos e a 04 (quatro) anos trabalha na EJA, a mesma declara ser contratada pelo município de Picos – PI, e não teve nenhuma capacitação especial para trabalhar na EJA, mas afirma já ter trabalhado no programa Brasil Alfabetizado.

❖ Análise das respostas obtidas

1) Para você o que é alfabetizar e letrar?

“P1”: É fazer com que o aluno descubra o ato da leitura e da escrita.

“P2”: É fazer com que o ser conheça o contexto dele, a leitura e a escrita não é só uma ideia é uma concretização de tudo que o aluno vivencia.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

A resposta da professora “P1”, nos mostra que a mesma mantém uma visão limitada do conceito de alfabetizar e letrar como um ato mecânico.

Já a professora “P2” aborda uma definição mais aproximada com o que os autores nos mostra a respeito de alfabetizar e letrar.

2) Que métodos você utiliza para alfabetizar os jovens e adultos da EJA?

“P1”: São diversos métodos utilizados com a descoberta de palavras e letras e a escrita também.

“P2”: Na EJA nós temos a oportunidade de alfabetizar de maneira diferente, pois agente vai trabalhar dentro do contexto dos alunos, ou seja de acordo com a realidade dos mesmos, trazer o que o aluno tem de experiência trazer para dentro da sala de aula , trabalhar com a experiência de vida do próprio aluno. Porque você mostrar logo o novo para eles assusta, então deve trabalhar do contexto deles para depois trabalhar novos contextos.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Observa-se que a professora “P1”, não esclarece de fato os métodos utilizados em suas aulas, mas percebe-se que a mesma se preocupada mais com os métodos em que os alunos possam descobrir o ato de leitura e escrita.

Já a professora “P2” demonstra ir muito mais além, ou seja, utiliza-se de métodos que busca conhecer a realidade dos alunos e trabalhar de acordo com o contexto dos mesmos.

Os alunos devem praticar a leitura na escola com recursos que fazem parte do seu cotidiano, pois estes alunos já chegam na sala de aula com uma bagagem muito grande, então os professores devem saber como utilizá-las. A esse respeito, Zilbermann (1993, p.24), afirma que “a aprendizagem da leitura é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto sócio – econômico e cultural”.

3) Você acha que a partir das práticas utilizadas de leitura os alunos se sentem estimulados? Comente.

“P1”: A minoria, por conta do cansaço, eles já vão diretamente do trabalho para a escola, e nas atividades realizadas de leitura eles sentem muitas dificuldades muito cansaço com relação a prática da leitura.

“P2”: Infelizmente a leitura ainda é um impacto para os alunos, pois a leitura tem que ser uma prática do cotidiano, ou seja desde casa até a escola , deve ser incentivado pelos pais, muitos alunos não tem essa oportunidade , e outros perdem o interesse por falta de interesse pela leitura, então nós procuramos trabalhar a leitura , sempre com algo que eles gostem, ou seja, trazer a experiência deles, e não se limitando ao conteúdo do livro didático.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Nota-se, que as respostas das professoras são similares no que diz respeito as dificuldades dos discentes em desenvolver a leitura, sendo que a professora “P1” atribui o problema ao cansaço dos alunos. A professora “P2” relata vários fatores, como: a falta de incentivo em casa, a prática da leitura no cotidiano e a falta de interesse pelos próprios alunos.

De acordo com os PCN’s (1997, p.62), para tornar os alunos leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço. Para isso, a proposta estabelecida nos Parâmetros Curriculares Nacionais propõe algumas condições eficazes e indispensáveis para alcançar tal objetivo: dispor de uma boa biblioteca na escola; dispor de um acervo de livros de classe e

outros matérias de leitura; organizar momentos de leitura livre; planejar as atividades diárias de leitura; oportunizar aos alunos a escolha de suas leituras; construir na escola uma política de formação de leitores nos quais todos possam contribuir com sugestões.

4) A escola desenvolve projetos pedagógicos relacionados a prática da leitura?

“P1”: A escola em si não, mas eu como professora trabalho em sala de aula determinados projetos com relação a leitura.

“P2”. Infelizmente não, o professor tem que se virar e procurar coisas diferentes que por muitas vezes está até fora do plano diário, pois as oportunidades para os professores são poucas.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

As duas professoras em seus relatos, demonstram que a escola em si, deixa a desejar em relação ao incentivo da leitura com os alunos, mas como educadoras as mesmas enfatizam que procuram várias maneiras para estimular os educandos.

Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1997) relatam-nos que são necessárias propostas didáticas orientadas no sentido de formar leitores, apresentando algumas sugestões para o trabalho com os alunos, que podem servir de referência para a criação de outras propostas.

Neste sentido, propõe: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leitura, atividades sequenciadas de leitura, atividades permanente de leitura, leitura feita pelo professor. Enfim, “uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever” (BRASIL, 1997, p. 65).

5) Que meios educativos você propõe para incentivar a prática da leitura na EJA?

“P1”: Textos, vídeos, produção de textos.

“P2”. Você deve trabalhar a realidade do aluno, ou seja vê o que realmente eles gostam de ler, seja história em quadrinhos seja deixar eles mesmos contar uma história deles, pedir para eles escreverem e depois lerem a sua própria história , pois eles gostam de ler o que eles escrevem.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

De acordo com as análises das respostas, é notório que as professoras “P1” e “P2”, trabalham de maneira diversificadas, procurando atrair a atenção dos alunos, para se sentirem estimulados a praticarem a leitura na sala de aula. Sendo que a professora “P2” demonstra ainda envolver os discentes, utilizando o contexto da vida dos mesmos nas aulas de leitura. Nesse sentido, Freire aponta que:

O educador sempre deve saber ensinar com respeito, humildade sabendo lidar com o seu aluno desafiando a forma de ensinar, sendo assim, o aluno da EJA aprende muito mais lendo um contexto de leitura de mundo, leitura de um texto e de uma palavra, portanto deve apreciar os contextos vividos e reconhecer a compreensão do aluno em vários aspectos, pois lidamos com a formação de seres humanos tornando seres marcantes no mundo tendo consciência do que é ensinar e compreender a leitura da palavra para a formação de um cidadão que saiba defender o que compreendeu em sua volta (1995, p. 28).

Ou seja, o ensinante que assim atua tem no seu ensinar, um momento rico do seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado

6) Que tipos de textos que você costuma utilizar para chamar atenção dos educandos nas aulas de leitura?

“P1”: Textos que fazem parte do cotidiano deles, textos que retratam a vida deles.

“P2”: Textos ilustrativos, que chamam atenção deles, pois você tem que procurar algo que vai lá no contexto deles.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Mediante as falas das entrevistadas, observa-se que os textos utilizados pelas docentes são coerentes com a realidade dos alunos. A professora “P2” ressaltou também os textos ilustrativos como estratégias para chamar atenção dos educandos nas aulas de leitura, pois as ilustrações são essenciais para despertar o interesse pela leitura na EJA.

Acerca deste processo, Freire (2003, p. 33) nos coloca que:

Ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da encenaste ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico correspondente um ensino igualmente

crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura de mundo, leitura do texto e leitura do contexto.

7) Na sua opinião, qual a importância da leitura para a vida dos jovens e adultos?

“P1”: É através da leitura que eles vão descobrir um novo educar, uma nova descobrimento de si próprio, por já terem uma vasta experiência de vida, é através da leitura que eles vão descobrir várias formas de se comunicar.

“P2”. A leitura é fundamental em todas as idades, idosos, adultos, crianças, a leitura é o que faz o ser social.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

De acordo com as falas das entrevistadas, nota-se que as mesmas observam que é através da leitura que os jovens e adultos poderão interagir de diversas formas com o mundo.

Através da leitura os jovens e adultos poderão ir muito além, pois a leitura possibilita ao aluno desenvolver vários aspectos em suas vidas, inclusive ampliar seus conhecimentos e se tornarem independentes.

Segundo Foucambert (1994, p. 64), “ser leitor é sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, da coisa: é acreditar que se aprende o mundo quando se aprende o que fez ser como é”.

8) Quais são as principais barreiras identificadas em relação ao ensino da leitura na EJA?

“P1”: A questão do trabalho da maioria deles, porque eles trabalham realmente em serviços pesados, são trabalhadores de oficinas, supermercados e ao chegarem na escola estavam muito cansados porque saíam muito tardes iam direto para a escola e isso quando chegavam tinha pouco estímulo e pra trabalhar esta questão da leitura com eles era muito difícil.

“P2”: A escrita, pois muito deles leem, mas eles não conseguem escrever o que eles leram, eles falam mais não conseguem escrever.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Nas respostas da professora “P1” podemos perceber que a mesma atribui a principal barreira ao ensino da leitura ao cansaço dos discentes. Já a professora “P2”, demonstra através de suas análises sobre a pergunta citada, que os alunos sentem mais dificuldades em desenvolver a escrita, ou seja, a mesma não foi clara com sua resposta. Nessa perspectiva, os educadores devem trabalhar com métodos que chamem atenção destes alunos, pois os mesmos necessitam estar estimulados para desenvolverem a leitura.

Desse modo Freire (1998, p. 72) relata que o educador deve “estar embasado teoricamente para apontar métodos que despertem no jovem e no adulto a conscientização, a criatividade e o interesse em querer saber sempre mais”.

Para isso, é necessário que o material didático utilizado pelo educador seja construído a partir de debates entre ele e os alunos com o objetivo de fazer um levantamento dos conhecimentos dos mesmos, até mesmo do vocabulário que faz parte do universo de comunicação destes educandos.

9) A escola dispõe de recursos didáticos apropriados para o desenvolvimento da leitura com estes alunos?

“P1”: Sim ela disponibiliza, trabalhamos com vídeos, através também de computadores na sala de informática, textos, notícias informações.

“P2”. Não dispõe.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Observa-se na resposta da professora “P1”, que o problema do ensino da leitura não é falta de recursos didáticos, pois a mesma relata que a escola já dispõe de vários para serem utilizados. Já a professora “P2” comenta em sua entrevista o contrário, pois a mesma enfatiza que a escola não possui recursos apropriados para trabalhar com a leitura na EJA, sendo um dos pontos da pesquisa que observa-se contradição na resposta dada pela professora “P2”, pois em perguntas anteriores ela cita vários recursos que ela costuma trabalhar com a leitura na escola.

10) Na sua opinião os alunos tem o hábito de praticar a leitura em casa?

“P1”: Não, eles não têm este hábito, porque eles passam a maioria do tempo fora de casa e a noite estão na escola.

“P2”. Não, a maioria dos alunos não tem este hábito.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante das falas das entrevistadas, constata-se uma semelhança em suas respostas, pois as mesmas demonstram que os discentes não realizam a leitura em casa, e isso fica de certa forma complicado para o trabalho do professor, e com isso, os docentes devem serem bem dinâmicos em suas aulas de leitura, pois para atrair a atenção destes alunos que passam o dia inteiro no trabalho e ainda tem outras atividades em casa, sem falar na idade que, de uma certa forma, influência na questão dos mesmos não estarem mais tão dispostos e também a visão deles que na maioria das vezes não é tão boa para o estudar a noite.

Dessa forma, os profissionais que atuam nesta modalidade de ensino, enfrentam vários desafios, sendo que para superá-los, necessitam gostar mesmo e terem compromisso com a aprendizagem dos educandos, até por eles fazerem parte de um universo bastante desestimulado.

11) Que outros recursos além de textos você utiliza nas aulas de leitura?

“P1”: Acontecem brincadeiras diversificadas em sala de aula com eles, utilizamos na aula de artes alguns materiais para serem confeccionados, para se desenvolver a leitura, pois procuro trabalhar com a interdisciplinaridade.

“P2”: A gente usa os computadores também para trabalhar a leitura.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

De acordo com os dados da professora “P1”, diante pergunta realizada, observa-se que a mesma procura trabalhar a leitura não só nas aulas de português, mas também nas aulas das outras disciplinas. Desse modo, percebemos a preocupação por parte da docente em desenvolver a leitura com os alunos de forma prazerosa, onde os mesmos poderão aprender com maior facilidade. No entanto, a professora “P2”, foi muito restrita ao responder a pergunta citada, pois a mesma

demonstra trabalhar a leitura com poucos recursos, sendo que esta prática pode dificultar o aprimoramento dos alunos na leitura, devido os mesmos já carregarem consigo muitas dificuldades para estudar, e com isso, eles podem até chegar a desistir de continuar os seus estudos.

Nesse sentido, Oliveira (2006, p.33), afirma que “ler nos modifica para sempre (...). Ensinar um aluno a ler criticamente também é uma experiência transformadora. Abre janelas para o mundo e cria uma infinidade de oportunidades de participação e fortalecimento de sua identidade como cidadão do mundo”.

12) Como você considera a leitura de mundo dos alunos nas aulas de leitura?

“P1”. É uma barreira também ainda encontrada, por conta da falta de leitura, da prática deles, porque eles não tem aquele olhar crítico em cima daquela leitura feita ainda, precisa ser trabalhada com mais tempo com mais detalhes, pra que eles consigam ter a visão de mundo crítica em cima da leitura.

“P2”. Muitos alunos tem dificuldades, mas apesar das dificuldades tem muitos que conseguem se desenvolver.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Através da fala da professora “P1”, podemos observar que a mesma coloca a questão da dificuldade dos alunos relacionarem esta leitura de mundo com as atividades propostas, sendo que a mesma aborda como principal empecilho a falta da prática de leitura em casa, dessa maneira, os alunos levam um tempo maior para conseguirem desenvolver a leitura, pois quando a prática da leitura só acontece na escola, necessita-se trabalhar a leitura em tempo maior com estes alunos, para poderem se desenvolverem melhor.

13) Relate as principais atividades de leitura que os alunos sentem prazer em realizá-las?

“P1”. Eles gostam de fazer essa leitura na confecção de cartazes, com temas que vão ser trabalhado durante o mês por exemplo na semana das mães, do folclore, do dia dos pais, nós sempre utilizamos cartazes com informações, com isso eles sentem mais motivados, mais prazerosos na hora de fazer as atividades de leitura.

“P2”. É você pedir a eles para desenvolverem textos, muitas vezes alguns não conseguem escrever, mas conseguem desenhar e é uma forma de praticar a leitura.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Consta-se nos dados da professora “P1” entrevistada, que a leitura é praticada na sala de aula de forma bem diversificada, onde os alunos fazem trabalhos de acordo com as datas comemorativas e praticam a leitura de forma prazerosa. Entretanto conforme os relatos da professora “P2”, os alunos preferem trabalhar a leitura através de produções de textos, sendo que mesmo alguns tendo dificuldades de escrever mas com desenhos eles também praticam a leitura.

Com isso, Freire (1989, p. 30) afirma que:

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelam a realidade; agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra.

14) Você considera os limites e os avanços de cada aluno na elaboração do planejamento das aulas de leitura, e se considera como?

“P1”. Nós temos que respeitar os limites de cada um, nós sabemos que todos são diferentes, não são iguais, cada um tem um desenvolvimento e assim a gente procura trabalhar com cada um individualmente em relação a questão do desenvolvimento deles.

“P2”. Considero sim, como professores devemos fazer isto sempre, pois creio que não só pra mim o momento mais difícil é o de avaliar, pois a gente tem que diferenciar cada aluno saber que uns se desenvolve melhor de que outros, mais infelizmente é muito difícil pra gente.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

De acordo com as falas das entrevistada observa-se que a professora “P1”, se preocupa em trabalhar de acordo com as necessidades dos alunos, respeitando os avanços e as dificuldades, já a professora “P2”, reforça em sua fala que como docentes devemos respeitar os limites e os avanços dos alunos, sendo que a

mesma ainda cita o quanto estes fatores influenciam no momento da avaliação, pois segundo ela é muito difícil avaliar os diferentes tipos de aprendizagem dos alunos.

Com isto, podemos observar que na hora do planejamento o professor deve estar atendo as diversas formas dos alunos aprenderem, pois o planejamento é o guia para o professor refletir sobre os diferentes fatores que envolvem o ensino e aprendizagem da leitura, para poder assim ajudar os alunos a desenvolverem a leitura com mais facilidade.

15) Na sua visão, através da leitura os jovens e adultos podem ampliar seus conhecimentos e aturem de forma ativa dentro da sociedade? Exemplifique.

“P1”. Sim, porque através da leitura e dos conhecimentos explorados dentro da sala, eles irão ter outra visão fora da sala de aula, eles irão poder se posicionar em diversas áreas tanto na saúde, como na sociedade na comunidade no seu bairro, a partir desta leitura e das informações obtidas em sala eles poderão se posicionar com relação a esses diversos tipos de assuntos.

“P2”. Pode sim, a EJA tem ajudado muita gente a se inserir como ser ativo na sociedade, pois nós temos casos de alunos que vieram do Brasil Alfabetizado que começou no Duque de Caxias e ingressou na EJA e hoje está fazendo 8º ano e outros já estão fazendo o 1º ano, então é uma esperança.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante das respostas das professoras “P1” e “P2”, podemos perceber que as mesmas acreditam que a partir das aulas de leitura os alunos poderão ir muito além, pois os mesmos poderão participar dos diversos assuntos fora da escola, sabendo dos seus direitos e deveres como cidadãos.

Diante das análises, observa-se que partir do momento que os jovens e adultos aprimorarem a leitura, eles poderão se desenvolver nos diversos aspectos, ou seja, não só na escola, mas também na sociedade com um todo. A leitura proporciona de uma certa forma a integração destes alunos no meio em que vivem, além dos mesmos se tornarem mais informados sobre os diversos tipos de assuntos, podendo ter uma melhor compreensão do mundo.

16) Você percebe o desenvolvimento do senso crítico a partir das aulas de leitura? Exemplifique.

“P1”. Sim, não só pela parte da leitura mas as vezes no relatos, nos debates em sala de aula, nós percebemos que eles estão sempre mudando a visão deles com relação essa questão podendo ter o senso crítico, com suas próprias opiniões.

“P2”. A partir das aulas de leitura eles conseguem dar sua opinião a entender e também expressar melhor suas ideias.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Nos relatos das professoras “P1” e “P2”, observa-se que a partir das atividades de leitura desenvolvida em sala de aula, os alunos desenvolvem o senso crítico, tendo uma visão para analisar os assuntos diversos, facilitando assim, suas opiniões a respeito dos assuntos abordados não só na aula, mas na sociedade em geral.

Com isso, podemos observar a importância da leitura para a vida destes jovens e adultos, pois muitos deles estavam, de uma certa forma, excluídos da sociedade, sendo que a leitura ajuda os mesmos a melhorarem não só a ter uma visão melhor do mundo, mas também a obterem melhores condições de vida para sobreviverem.

17) Quais os fundamentos teóricos metodológicos que você utiliza nas aulas de leitura na EJA? Cite alguns.

“P1”. Nós trabalhamos basicamente na teoria de Emília Ferreiro, pois devido ser 1º etapa, a gente observa todos os passos que ela coloca para que a gente veja a questão do desenvolvimento do aluno durante todo o processo até o final do ano letivo.

“P2”. Paulo Freire é fundamental na EJA, porque faz parte de toda a história da EJA.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante da fala da professora “P1”, percebe-se que a mesma se fundamenta em observar a aprendizagem dos educandos, através dos níveis de desenvolvimento abordados pela a autora Emília Ferreiro (2000), pois é essencial os docentes da EJA buscarem pesquisar para poderem fazer o melhor possível com estes alunos, sendo que as aulas de leitura não pode ser um simples improvisado, mas deve ser repensada,

cada passo para que os discentes possam ter êxito na leitura, onde o professor irá constatar o processo de desenvolvimento dos alunos, ou seja, ver os erros e acertos dos mesmos na leitura, para poder assim, ajudar eles a progredirem no aprimoramento da leitura. O que Emília Ferreiro (2000, p. 18) defende é que:

Esse tipo de produção segue padrões próprios e é baseada nas reflexões que esses jovens e adultos fizeram em seu contato cotidiano com a linguagem escrita. Os erros, na verdade, configuram-se como tentativas de acerto. À medida que analisam suas escritas e as dos colegas, recebendo orientações dos professores, vão dominando os mecanismos da escrita e adquirindo a fluência na leitura.

Entretanto, a professora “P2”, citou o autor Paulo Freire, como fundamental na EJA, mas não comentou como era relacionado suas concepções sobre os jovens e adultos nas aulas de leitura, com isto, podemos perceber, que muitas vezes os docentes não dão importância em se fundamentarem em autores e isso dificulta demais o trabalho com os jovens e adultos, pois devemos estarmos sempre buscando o melhor para estes alunos, sendo que trabalhar com fundamentações de autores fica um trabalho mais rico e com certeza os discentes poderão aprender melhor a leitura. Inclusive trabalhar com os métodos de Paulo Freire que é essencial na EJA, pois o mesmo busca mostrar a importância de trabalhar com a realidade dos alunos, para que possam se envolver no processo ensino aprendizagem.

3.4.2 *Discentes*

Em relação aos alunos que frequentam a EJA, foram identificados de duas maneiras. Os alunos da primeira etapa serão identificados pela letra “A”, como por exemplo: A1, A2 e assim sucessivamente. Já os alunos da segunda etapa serão identificados pela letra “B”, como por exemplo: B1, B2 etc. Os alunos matriculados na primeira etapa, são alunos da professora P1, já os alunos matriculados na segunda etapa são alunos da professora P2. A idade dos alunos varia entre 24 (vinte e quatro) e 64 (sessenta e quatro) anos. As suas profissões também são bem variadas, tais como estivador, ajudante de construções, dona de casa, doméstica etc.

- ❖ Análise das respostas obtidas com os discentes:

1) Você gosta de ler? Por que?

“A1”: Gosto eu queria muito aprender mais, porque é muito bom as pessoas serem estudadas.
“A2”. Gosto, mais ainda estou tentando aprender ler.
“A3”. Gosto, porque eu estou com vontade de aprender mais.
“A4”. Gosto de ler, porque agente fica mais entendido sobre o mundo.
“A5”. Gosto, porque é muito bom ler.
“B1”. Bem que eu gostaria, mas não sei direito.
“B2”. Gosto muito pouco de ler, pois tenho preguiça.
“B3”. Pouco, pois eu ainda tenho algumas dificuldades para desenvolver a leitura.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Através das falas dos entrevistados, podemos observar que os educandos da primeira etapa gostam de ler e tem muita vontade em aprimorar a leitura. Já os alunos da segunda etapa, referiram gostar pouco de ler, principalmente pela dificuldade ou por não saber ler ainda.

Com isso, Martins (1994, p.34) relata que “criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar o acesso a livros”. Ou seja, trata-se de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá a algo escrito, um quadro, uma paisagens, a sons, imagens, coisas, ideais, situações reais ou imaginárias.

2) Você acredita que os conhecimentos adquiridos através das atividades de leituras realizadas em sala de aula poderão ajudar no seu dia-a-dia?

“A1”: Com certeza, porque quando agente vai fazer uma compra tem que saber aonde está o que que agente está fazendo, é bom para ficar esclarecida com as coisas, porque não sabe ler não tem esclarecimento nenhum.
“A2”. Ajuda de mais, já estou até preocupada porque vou morar em outro bairro e não sei se lá vai ter a EJA para que eu possa continuar os estudos. Eu escrevo mais tenho dificuldade de realizar a leitura, ou seja, de juntar as sílabas e formar as palavras.
“A3”. Aprender mais a conviver com as pessoas, a se expressar direito, saber como respeitar o próximo.
“A4”. Vai ajudar no meu trabalho (oficina), pois a leitura ajuda agente identificar muitas peças para serem montadas.

“A5”. Ajuda em tudo, a fazer amizades, e ajuda a resolver as coisas do dia a dia.
“B1”. Em muitas coisas, principalmente para conseguir um emprego, pois sem a leitura você não consegue um emprego melhor.
“B2”. Ajuda em várias coisas, principalmente na hora de resolver determinadas situações, que a gente precisa saber ler para resolvê-la, pois ficar dependendo dos outros é muito ruim.
“B3”. Ajuda, pois quando a gente quer ler um jornal, uma notícia necessitamos da leitura.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Mediante as falas dos entrevistados, nota-se que os mesmos percebem a importância da leitura desenvolvida em sala de aula para o cotidiano deles, conforme discute Mortatti (2004, p. 85) que descreve que:

Saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis tanto para o exercício pleno da cidadania, no plano individual, quanto para a medida do nível de desenvolvimento de uma nação, no nível sociocultural e político.

3) Você costuma ler em casa? Justifique.

“A1”. Sim.
“A2”. Quando tenho tempo eu fico lendo em casa, no material que foi distribuído nas aulas de leitura.
“A3”. Costumo, nas férias mesmo eu já li livros e algumas atividades do caderno.
“A4”. Só estudo na escola, pois não tenho tempo para estudar em casa.
“A5”. Só estudo na escola mesmo, porque não tenho tempo de ler em casa, passo o dia todo trabalhando.
“B1”. Só praticava a leitura na escola mesmo, pois em casa não tinha tempo, trabalho o dia inteiro.
“B2”. Em casa leio muito pouco, pratico mais a leitura na escola mesmo.
“B3”. Costumo ler em casa só no período das aulas, eu lia livros e as atividades que a professora passava.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante das análises das falas dos alunos, percebe-se que as alunas “A1” e “A3”, tem o hábito de praticar a leitura em casa, já a aluna “A2” demonstra praticar a leitura algumas vezes em casa, e os alunos “A4”, “A5” e “B1”, atribui a falta de leitura em casa ao trabalho. Com isso podemos perceber, que a maioria dos alunos entrevistados não costumam ler em casa, e isso termina dificultando o trabalho da professora, com isso, a mesma deverá proporcionar aos discentes aulas bem atrativas em relação a leitura para que os mesmos possam obter êxito na aprendizagem da leitura, uma vez que, de modo geral a sala de aula para esse universo de alunos é o espaço que eles dedicam ao ato de ler.

4) Em relação a leitura, como você analisa o compromisso do professor com a sua aprendizagem?

“A1”: Ela é ótima é muito comprometida com a aprendizagem dos alunos.
“A2”. A professora é muito atenciosa, com os alunos, ela se preocupa em saber se os alunos estão aprendendo e ainda nos incentiva para adquirirmos a aprendizagem.
“A”3. A professora se preocupa demais com a aprendizagem dos alunos, pois a mesma se esforçava muito em ajudar a gente a aprender a ler.
“A”4. A professora é muito atenciosa com os alunos, ela se preocupava em saber se os alunos estavam aprendendo e ainda incentiva muito a gente para adquirirmos a aprendizagem.
“A”5. A professora se preocupa com a leitura dos alunos, quando agente está lendo ela fica sempre passando nas carteiras observando se estamos lendo direito.
“B1”. A professora era comprometida com a nossa aprendizagem.
“B2”. A professora se preocupava com a nossa aprendizagem, muitas vezes os alunos não levava a atividade de casa feita e também não queriam ler, então ela ficava sempre tentando e até chamava nossa atenção.
“B3”. Raramente a professora colocar agente para lê.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Os entrevistados (A1, A2, A3, A4, E A5) nos mostram que a professora é comprometida com o seu trabalho em sala de aula, pois a mesma está sempre procurando incentivar os alunos a desenvolverem a leitura. Somente o aluno B3 referiu que a professora não os colocava para praticar a leitura. Freire ressalta:

[...] uma das virtudes que eu acho que nós educadores e educadoras temos que criar, porque tenho certeza também de que não recebemos virtudes como dons, fazemos as virtudes não intelectualmente, mas através da prática uma das virtudes que temos que criar em nós mesmos como educadores progressistas é a virtude da humildade. (2003, p.188).

Com isto observa-se a importância do compromisso do professor com a aprendizagem dos discentes, uma vez que a leitura possibilita um leque de possibilidades na vida do jovem e do adulto em fase de aprendizagem tardia. Além disso a maioria dos educandos da EJA retornam a escola com o objetivo principal de aprimorar a leitura, pois sentem necessidade, visto que a sociedade atual exige cidadãos letrados capazes de pensar e agir.

5) Cite as principais dificuldades que você encontra no processo de desenvolvimento da leitura?

“A1”: É devido a minha idade estar bem avançada, e devido a visão já está ruim, além disso, o cansaço do dia a dia, pois chego na escola já muito indisposta. Outra coisa que dificulta também é devido o tempo da aula ser muito pouco.

“A2”. É na hora de juntar as palavras para ler, conheço as letras, mas na hora de juntar as sílabas tenho dificuldade de ler as palavras que foram formadas.

A”3. As famílias silábicas, principalmente a família do G e do J, que ainda me confundo muito.

A”4. Formar palavras, pois reconheço todas as letras do alfabeto, mas na hora de formar palavras tenho muita dificuldade.

A”5. As maiores dificuldades é na hora de juntar as sílabas para formar palavras, já conheço todas as letras do alfabeto.

“B1”. As maiores dificuldades para desenvolver a leitura, é na hora de juntar as sílabas e formar palavras.

“B2”. Eu conheço todas as letras, mais ainda me confundo na hora de realizar a leitura das sílabas complexas como: tra, bra, lha etc.

“B3”. Eu não consigo ler rápido, ainda leio bem devagar.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante dos relatos dos entrevistados, observa-se que a aluna “A1”, cita como principal dificuldade a questão do cansaço do cotidiano e a idade e o pouco tempo da aula para desenvolver as atividades de leitura, já as alunas “A2”, “A3”, “A4”, “A5” nos mostra que possuem dificuldades na hora de formar palavras. Os alunos B1, B2 e B3, afirmaram que as principais dificuldades são formar sílabas como também ainda não conseguem direito formar palavras. Com isto Solé aborda que:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentados é o de fazer com o que os alunos aprendam a ler. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem. (1998, p. 32).

Dessa maneira, a autora afirma a análise dos dados obtidos, pois os alunos da EJA na maioria das vezes não tem estímulo para realizar a leitura, pois são inúmeras dificuldades que eles possuem para realizarem a leitura, escrita e interpretar textos. Mas com muita dedicação, com o tempo os educandos irão cada vez mais construindo a sua leitura, necessitando de um esforço para a compreensão da leitura das palavras. Contudo, o papel do professor é fundamental com estes discentes, onde as aulas devem ser bem criativas no intuito de chamar atenção dos alunos a se envolverem no processo da leitura, sendo que é interessante levar para as aulas revistas, panfletos, jornais e materiais que estes alunos possam se sentirem estimulados e conseqüentemente desenvolverem uma leitura fluente.

6) Porque você estuda?

“A1”: Porque eu queria muito ser estudada, para poder resolver as coisas sozinhas.

A2”. Porque eu queria aprender a ler, melhorar mais a caligrafia e assinatura do meu nome que não estava muito boa, mas o principal fator de estudar é para aprender a ler.

A”3. Porque como antigamente não tive oportunidade, e por isso estou tentando, pois com o estudo ajuda a melhorar em tudo, sendo que hoje em dia se você não estudar não consegue um trabalho melhor.

A”4. Porque eu não sabia ler e agora já estou lendo um pouco e é muito bom estudar.

A"5. Porque eu quero aprender muitas coisas, porque você sem leitura é mesmo que está olhando para uma parede.
"B1". Porque eu queria pelo menos aprender a ler, para poder conseguir um emprego melhor.
"B2". Para melhorar na minha leitura, para quando precisar ler algum papel eu saber.
"B3". O estudo é importante para a gente ter um futuro melhor, trabalhar em um emprego bom.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Na fala da entrevistada "A1", ela enfatiza que por não saber ler enfrenta dificuldades no cotidiano, já a aluna "A2" relata que com estudo vida se torna mais fácil, pois a falta de leitura dificulta conseguir um emprego melhor. As alunas A2, A4, E A5, comentam que a leitura é fator primordial na vida dos seres humanos, além disso, os discentes buscam através dos estudos da leitura suprir as necessidades do cotidiano e realizar seus objetivos. Já os alunos B1, B2 e B3, veem na leitura uma oportunidade para melhorar sua vida, conseguir um melhor trabalho e exercitar sua cidadania.

Diante das análises, observa-se que muitos destes jovens e adultos se sentem de uma certa forma excluídos da sociedade, pois os mesmo enfrentam dificuldades por não terem estudado no período regular, e com isso eles buscam na EJA uma forma de se integrarem melhor na sociedade e ainda buscarem melhores condições de vida.

7) Na sua opinião, os conhecimentos extra escolares que você possui são aproveitados pela professora durante as aulas de leitura? Exemplifique.

"A1". Sim aproveita.
"A2". A professora levava textos de acordo com a realidade dos alunos, só que não acho que era aproveitado tanto os conhecimentos que os alunos já tinham.
A"3. Eram aproveitados sim, inclusive nós já fizemos trabalhos que envolveram a leitura e o nosso dia a dia como por exemplo: sobre o meio ambiente, os cuidados com o lixo, saber como manter a rua limpa etc.
A"4. Os conhecimentos que agente já tinha eram envolvidos nas atividades de leitura.

A"5. Os conhecimentos que agente já tinha era aproveitado nas aulas de leitura.
"B1". Eram aproveitados, pois a professora ensinava vem, o problema é que a gente era um pouco devagar para aprender.
"B2". A professora aproveitava o que a gente já sabia, aí a partir das nossas experiência era que ela colocava o conteúdo novo para trabalhar as atividades de leitura.
"B3". A professora trabalhava mais com as atividades do livro, era muito raro colocar textos da nossa realidade.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Os discentes entrevistados A1, A3, A4, A5, mostram uma semelhança nas suas respostas, pois destacam que os conhecimentos do cotidiano eram aproveitados nas aulas de leitura. Já a aluna "A2", não foi precisa com sua colocação, pois a mesma cita os textos das aulas como sendo de acordo com a realidade dos mesmos, no entanto a mesma coloca que os conhecimentos extra escolar não eram muito aproveitados nas aulas de leitura. Os alunos da segunda etapa (B1, B2 e B3) afirmam que a professora trabalha com os textos do livro e com os que fossem fáceis para sua aprendizagem. Com isto Feitosa afirma que:

A leitura da palavra, não só é precedida pela leitura de mundo, mas a apresenta-se como uma forma de reescrevê-lo. Essa é, para ele, a essência da alfabetização. Ao organizar seu trabalho de alfabetização de adultos, partindo do universo vocabular do grupo de educandos (as), Freire considerava a visão de mundo do grupo, na medida em que trazia para a sala de aula sua linguagem real, seus sonhos, anseios, inquietações (2008, p. 16).

De acordo com as análises, constata-se que os educandos da EJA são pessoas com muitos conhecimentos que podem ser aproveitados em sala de aula onde as experiências deles poderão ser um norte para o professor nas aulas de leitura.

8) Na sua visão, os métodos utilizados pelos professores nas aulas de leitura facilitam a aprendizagem da leitura? Comente.

"A1":. Os métodos são bons, a professora explica bem, tem muita paciência com a gente as dificuldades mesmo é em relação a idade a visão não ser mais boa.
--

“A2”. Os métodos que a professora utiliza eram bons, o problema que a gente achava muito pouco tempo a aula, e por isso dificultava essa aprendizagem da leitura, pois quando a gente estava bem envolvido nas aulas aí de repente já era hora de ir para casa. Sendo que esta turma ainda era a última a sair da escola.
A”3 Facilitava sim.
A”4. Facilitava.
A”5. Facilitava.
“B1”. Facilitava, o problema era agente mesmo que já chegava cansados e tinha muitas dificuldades de aprender.’
“B2”. Os métodos utilizados facilitavam a nossa leitura.
“B3”. Facilitava.

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Através das entrevistas realizadas com os educandos “A1”, “A2”, “A3”, “A4”, “A5”, “B2” e “B3” percebe-se que todos abordam os métodos utilizados nas aulas de leitura como bons, sendo que em seus relatos os alunos “A1”, “A2” e “B1”, “colocam outros fatores que interferem na aprendizagem da leitura como: o tempo da aula e a idade. Com isto, os métodos devem ser eficazes para aprendizagem dos alunos, pois mesmo diante de muitas dificuldades que estes alunos possuem seja na questão da visão, idade, mas deve-se levar métodos apropriados para facilitar a aprendizagem da leitura.

9) Os recursos utilizados nas aulas de leitura são adequados para a aprendizagem da leitura? Cite alguns.

“A1”. A professora procura o melhor, ou seja, os recursos utilizados pela mesma são bons, sendo que já foram utilizados alguns recursos inclusive vídeos com explicação sobre a leitura, a professora também levou os alunos algumas vezes para a sala de informática, a onde foi trabalhado a leitura e a aula de informática é muito boa, só que foram poucas vezes trabalhado a leitura com estes recursos citados.
--

<p>“A2”. A professora levou algumas vezes agente para a aula de informática, foi proveitoso para os alunos que tinham interesse em aprender a ler.</p>
<p>A”3 Os recursos eram adequados, sendo que era trabalhado a leitura na sala de informática, vídeos, cartazes, etc., e com isso incentivava mais a gente.</p>
<p>A”4. Eram adequados, a gente ia para sala de informática fazer trabalhos sobre a leitura e era muito bom.</p>
<p>A”5. Os recursos eram adequados, pois nas aulas de leitura foram utilizados vídeos algumas vezes e realizamos trabalhos sobre a leitura nos computadores era muito bom, pois é uma aula diferente.</p>
<p>“B1”. Eram bons, para aprendizagem da leitura.</p>
<p>“B2”. A professora colocava para a gente ler livros textos, fazer cópias, produção de texto, escrevia palavras no quadro e colocava para a gente ler, a professora também levou a gente algumas vezes para a sala de informática para fazer atividades de leitura era muito bom.</p>
<p>“B3”. É fundamental na nossa vida, pois tudo que vamos fazer necessitamos da leitura.</p>

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Nossos entrevistados responderam que os recursos eram adequados, e ainda citaram algumas aulas realizadas como vídeo, informática, que de uma certa forma chama atenção dos alunos, dessa maneira Furtado (2000, p. 66), confirma nossa análise quando discorre sobre a ideia de que “aprender a ler de forma significativa acaba por auxiliar a ascensão a novos graus de ensino e a novos caminhos dentro da sociedade, fazendo uma nova leitura dessa sociedade de maneira conscientizada”. Visto que, os jovens e adultos necessitam estarem motivados para desenvolverem a leitura, pois através da mesma eles poderão interagir de forma ativa no meio em que vivem.

10) Qual a importância da leitura para sua vida?

<p>“A1”: É muito bom eu queria ter mais disposição, se eu fosse mais nova, para você ainda ir se alfabetizar nesta idade é muito complicado, só iria facilitar se eu já fosse alfabetizada, ou seja se eu já soubesse ler e escrever.</p>

<p>“A2”. A leitura é muito importante, pois você pegar um papel e saber o que você está assinando, pois muitas vezes quem não ler pode até se prejudicar em assinar coisas indevidas sem saber o que é. A leitura é muito importante e quem não sabe ler é como um cego.</p>
<p>A”3 A leitura é tudo, porque você ter estudo na vida hoje, é muito bom, pois você tem mais conhecimento das coisas, quem não sabe ler é igual uma pessoa cega que não enxerga, por isso eu incentivo os meus filhos para estudarem.</p>
<p>A”4. A leitura ajuda a você na hora de tirar a carteira de motorista, a usar o computador e se tornar independente.</p>
<p>A”5. A importância da leitura para minha vida é muito grande, agente sem leitura não é nada.</p>
<p>“B1”. A leitura é importante demais, pois quem não sabe ler nada é cego e além disso você com uma boa leitura é melhor até na hora de conseguir melhores empregos.</p>
<p>“B2”. A leitura ajuda agente a ficar atualizado com o mundo.</p>
<p>“B3”. A leitura é fundamental na minha vida, pois ajuda a resolver as coisas no cotidiano.</p>

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante dos relatos dos entrevistados, percebe-se o quanto a leitura é importante para eles, pois os mesmos sentem a necessidade da mesma para resolver diversas coisas no cotidiano, além disso, ainda demonstram que sem leitura, eles se tornam dependentes de tudo e de todos, e com isso dificulta a vida dos mesmos na sociedade.

11) Na sua opinião, em relação as atividades propostas de leitura, os professores se preocupam em dar uma atenção individualizada de acordo com as necessidades dos alunos. Como?

<p>“A1”. Ela dava atenção individualizada de acordo com as necessidades dos alunos, a professora sentava próximo do alunos que estava com dificuldade para auxiliar os mesmos na hora da resolução das atividades propostas.</p>
--

<p>“A2”. A professora tinha atenção com todos, pois a mesma tirava as dúvidas bem direitinho e não tinha preguiça de ensinar, e com isso deixava agente mais a vontade.</p>
<p>A”3 A professora e preocupava em dar atenção a todos de acordo com as necessidades dos alunos, mesmo tendo os alunos especiais, mais ela se preocupava em dar atenção também a eles da mesma forma.</p>
<p>A”4. A professora tinha atenção individualizada, inclusive quando era ditado de palavras, a mesma ia nas carteiras de um por um ver quais eram as dificuldades dos alunos.</p>
<p>A”5. A professora se preocupava em dar atenção a todos.</p>
<p>“B1”. A professora se preocupava em dar atenção a todos, de acordo com as necessidades dos alunos.</p>
<p>“B2”. A professora colocava para agente ler individualmente para saber quais eram as nossas dificuldades para poder ajudar.</p>
<p>“B3”. A professora se preocupava em dar atenção individualizada de acordo com as necessidades da gente, por exemplo no início eu tinha mais facilidade em matemática, mais no final do ano eu já estava era tendo dificuldade com a matemática, então ficava me ajudando aí eu melhorei.</p>

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Percebe-se nas falas que os entrevistados demonstram que a docente se preocupava em dar atenção de acordo com as necessidades dos alunos, sendo que isso é fundamental na EJA, pois os discentes tem necessidades diferentes e com isso, se o professor não estiver atento poderá fazer com que os alunos desistam de aprimorar a leitura, podendo até causar a evasão destes alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou refletir sobre a importância da leitura na educação de jovens e adultos, uma vez que esta prática está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende, permitindo aos jovens e adultos interagirem com o mundo de forma ativa e com isso, os educadores e toda a instituição escolar tem um papel fundamental a desempenhar com estes educandos em relação a prática da leitura.

É importante enfatizar que a leitura é fundamental na vida do indivíduo, pois amplia e integra conhecimentos, abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência.

Vale ressaltar, que os docentes deverão estarem atentos a vários detalhes que poderão fazer a diferença na aprendizagem destes alunos com a leitura, sendo que um dos principais fatores, é fazer com que as atividades de leitura propostas a estes educandos tenham significado na vida dos mesmos, ou seja, trabalhar a leitura de acordo com a realidade deles.

É imprescindível, pois, visualizar com novos olhos, o verdadeiro universo mágico e encantador da leitura em sala de aula e conseqüentemente, entende-se aí toda a prática cotidiana do aluno. Assim, os professores como mediadores do conhecimento, devem estar constantemente a procura de novos métodos e técnicas de ensino, onde favoreçam o incentivo a prática efetiva da leitura e a conscientização dos seus alunos sobre a importância e a presença da leitura na vida humana.

Nesse sentido, após análise dos dados coletados na pesquisa, chegou-se às seguintes conclusões gerais: os alunos da EJA são indivíduos pertencentes à classe baixa ou classe popular, trabalham e estudam; há a predominância de alunos mais jovens, e do sexo feminino; os alunos acreditam na relevância da leitura em suas vidas e, apesar de um grande número de alunos não serem leitores assíduos, constatou-se que todos valorizam a leitura.

Contudo, de acordo com a literatura e os relatos dos participantes desta pesquisa, podemos perceber o quanto a leitura é essencial na vida desses jovens e adultos, pois os mesmos vivem de uma certa forma limitados dentro da sociedade inserida, onde muitas vezes sentem a necessidade de participar dos diversos

setores no meio em que vivem, mas a falta da leitura termina sendo um grande empecilho na vida dos mesmos.

Um outro aspecto observado na nossa pesquisa foi a necessidade de explicitação dos objetivos das atividades propostas por parte dos professores, uma vez que são meramente expostas sem esclarecimentos sobre a real importância, conforme ressalta Antunes (2003, p.123), “visto que muitas vezes os alunos não compreendem a razão de se estudar determinada matéria e assim vão passando de ano em ano, sem de fato apreciarem o que aprenderam”.

Verificou-se ainda que os alunos desejam solucionar seus próprios conflitos com a prática da leitura e prova disso é que eles resolveram voltar a estudar depois de tantos anos, fato que precisa ser valorizado por meio de um ensino voltado para essa realidade.

Percebe-se então que para tornar os alunos bons leitores para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler e também ler para aprender, requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente dará autonomia e independência. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Vale destacar, ainda, que não basta decodificar imagens, símbolos, códigos. É preciso interpretá-los para sobreviver no mundo contemporâneo cada vez mais dominado pela tecnologia. Ir ao banco, viajar, fazer compras, usar cartões magnéticos e tantas outras ações do cotidiano são possíveis se houver interação com os mesmos e essa interação só acontece quando se compreende aquilo que se leu, seja em placas, palavras ou números. Portanto preparar os alunos da EJA para a vida prática deve ser uma das principais preocupações da prática pedagógica do educador, que é o intermediário do conhecimento.

Ressaltamos ainda que os nossos objetivos foram alcançados, uma vez que pudemos verificar a importância da leitura para a educação de jovens e adultos.

Acredita-se que a Educação de Jovens e Adultos necessita de um olhar mais sensível por parte de toda a sociedade, principalmente por parte dos futuros educadores que estão em formação para que, ao adentrarem o espaço da educação, possam prestar serviço com ética, zelo e cidadania, desenvolvendo práticas pedagógicas criativas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BELTRÃO, I. R. **Didática: o discurso científico do disciplinamento**. São Paulo: ed. Imaginário, 2000.
- BRASIL. Ministério de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília (DF), MEC, 1997.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização linguística**. São Paulo: Scipione, 1991.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Projovem. Brasília, 2006.
- CUNHA, Conceição Maria da. **Introdução – discutindo conceitos básicos**. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.
- DIEHL, Astor Antônio; PAIM, Denise Carvalho Tatim. **Metodologia e técnica de pesquisa em ciências sociais e aplicadas (uma proposta de estudo)**. Passo Fundo: Clio Livros, 2002.
- DURANTE, Marta. **Alfabetização de Adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FEITOSA, Sônia Couto Souza. **Método Paulo Freire: a reinvenção de um legado**. Brasília: Líber Livro, 2008.
- FERREIRO, Emília. **Cultura Escrita e Educação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2000.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FURTADO, J.A. **Os Livros e as Leituras**: novas tecnologias da informação. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.

GADOTTI, M. **Teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire,

GENTILL, S. Aprendizagem de Jovens e Adultos: avaliação da década da educação para todos. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, 1998.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da educação brasileira** 2. ed. São Paulo: São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

KLEIMAN, Â. **Leitura**: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1997.

LUCKESI, Cipriano et. ali. **Fazer Universidade**: uma proposta metodológica. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**. Curitiba: Educarte, 2003.

OLIVEIRA, M. K. de. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2006.

PIAUI. **Aspectos do Sistema Educacional Piauiense**. 1980, p. 10-13.

PIAUI. **Relatório Avaliação do Ensino Supletivo Urbano**. 1988

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 2003.

RÖSING, T. M. K., et al. **Da violência ao conto de fadas**. Universidade de Passo Fundo, 1999.

RUMMERT, S. M. e VENTURA, J. P. Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade – considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. **Educar**, n. 29, p. 29-45, 2007.

SEAGOE, M. V. **O processo de aprendizagem e a prática escolar**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

SEDUC. **Formação inicial de alfabetizadores e coordenadores de turmas: Brasil Alfabetizado. 7ª etapa**. Teresina, 2009.

SILVA, E. T. **Leitura & Realidade Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SILVA, E. T. **Leitura & Realidade Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes Ltda, 1993.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. (Coleção passando a limpo).

SOARES, Leônicio José Gomes. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais**. Revista Presença Pedagógica, v. 2, n. 11, 1996.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar.** . Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/Magda.html>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

SOARES, Magda. **As condições sociais da leitura:** uma leitura em contraponto. In: SOLÉ, Isabel. Estratégias de leituras. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, M. A. **Educação de jovens e adultos.** Curitiba: IBPEX, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Lisboa: Antídoto, 1979.

ZILBERMAN, **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES DA EJA

Estabelecimento de ensino:

Série:

1) Sexo: () feminino () masculino

1.1) Faixa etária: () até 30 anos () 31 a 50 anos () 50 em diante

2) Como você se considera:

() Branco(a). () Pardo(a). () Preto(a).

() Amarelo(a). () Indígena.

3) Quem mora com você?

() Moro sozinho(a) () Pai e/ou mãe () Esposo(a) companheiro(a)

() Filhos (as) () Irmãos (às) () Outros parentes, amigos(as)

() Outra situação

4) Tempo de exercício da profissão docente?

5) Tempo de magistério na EJA, Efetivo ou substituto?

6) Você fez alguma capacitação especial para trabalhar na EJA, e se fez qual?

7) Qual a sua escolaridade?

8) Quais os locais que você trabalha atualmente?

9) Para você o que é alfabetizar e letrar?

10) Que métodos você utiliza para alfabetizar os jovens e adultos da EJA?

11) Você acha que a partir das práticas utilizadas de leitura os alunos se sentem estimulados?Comente.

12) A escola desenvolve projetos pedagógicos relacionados a prática da leitura?

13) Que meios educativos você propõe para incentivar a prática da leitura na EJA?

14) Que tipos de textos que você costuma utilizar para chamar atenção dos educandos nas aulas de leitura?

15) Na sua opinião, qual a importância da leitura para a vida dos jovens e adultos?

16) Quais são as principais barreiras identificadas em relação ao ensino da leitura na EJA?

17) A escola dispõe de recursos didáticos apropriados para o desenvolvimento da leitura com estes alunos?

- 18) Na sua opinião os alunos tem o hábito de praticar a leitura em casa?
- 19) Que outros recursos além de textos você utiliza nas aulas de leitura?
- 20) Como você considera a leitura de mundo dos alunos em relação as aulas de leitura?
- 21) Relate as principais atividades de leitura que os alunos sentem prazer em realizá-las?
- 22) Você considera os limites e os avanços de cada aluno na elaboração do planejamento das aulas de leitura, e se considera como?
- 23) Na sua visão através da leitura os jovens e adultos podem ampliar seus conhecimentos e aturem de forma ativa dentro da sociedade,? Exemplifique.
- 24) Você percebe o desenvolvimento do senso crítico a partir das aulas de leitura? Exemplifique.
- 25) Quais os fundamentos teóricos metodológicos que você utiliza nas aulas de leitura na EJA? Cite alguns.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS DA EJA

Estabelecimento de ensino:

Série:

1) Sexo: () feminino () masculino

1.1) Faixa etária: () até 30 anos () 31 a 50 anos () 50 em diante

2) Como você se considera:

() Branco(a). () Pardo(a). () Preto(a).

() Amarelo(a). () Indígena.

3) Quem mora com você?

() Moro sozinho(a) () Pai e/ou mãe () Esposo(a) companheiro(a)

() Filhos (as) () Irmãos (às) () Outros parentes, amigos(as)

() Outra situação

4) Quais os locais que você trabalha atualmente?

5) Você gosta de ler? () Sim () Não Por que?

6) Você acredita que os conhecimentos adquiridos através das atividades de leituras realizadas em sala de aula poderão ajudar no seu dia-a-dia?

8) Você costuma ler em casa? Justifique.

9) Em relação a leitura, como você analisa o compromisso do professor com a sua aprendizagem?

10) Cite as principais dificuldades que você encontra no processo de desenvolvimento da leitura?

11) Por que você estuda?

12) Na sua opinião, os conhecimentos extra escolar que você possui são aproveitados pela professora durante as aulas de leitura? Exemplifique.

13) Na sua visão, os métodos utilizados pelos professores nas aulas de leitura facilitam a aprendizagem da leitura? Comente.

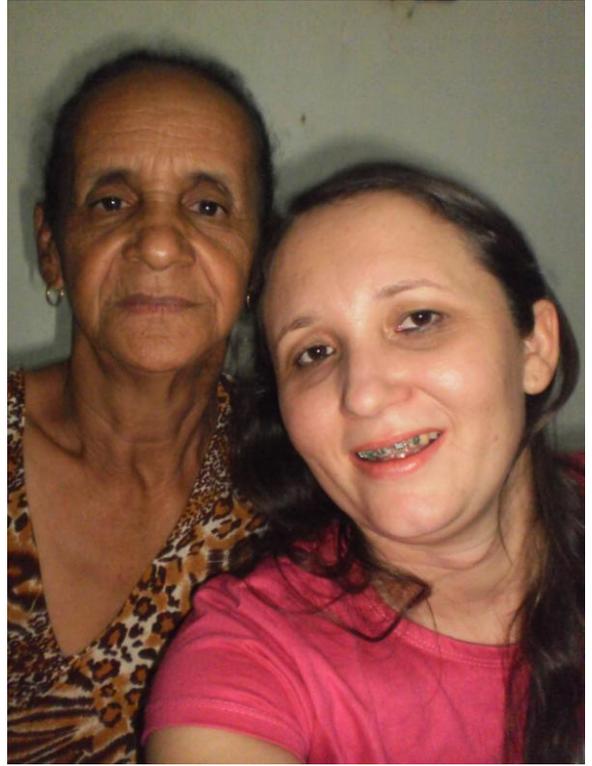
14) Os recursos utilizados nas aulas de leitura são adequados para a aprendizagem da leitura? Cite alguns.

15) Qual a importância da leitura para sua vida?

16) Na sua opinião, em relação as atividades propostas de leitura, os professores se preocupam em dar uma atenção individualizada de acordo com as necessidades dos alunos. Como?

IMAGENS DA PESQUISA







TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRÁTICA E PESQUISA EDUCATIVA III - TCC
PROFESSORA: REBECA DE ALCÂNTARA E SILVA
ALUNA: MAURILÂNDIA SANTOS DE MOURA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo o uso das minhas imagens e entrevista no trabalho de TCC da aluna Maurilândia Santos de Moura do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPI.

Picos (PI), 09 de fevereiro de 2013

- 1 Indayomy Rodrigues Mendes
- 2 Franisca Alves dos Santos
- 3 Maria Salete Ferreira S. Sousa
- 4 Maria da Conceição Modesto
- 5 Geila Vitorino Cordeiro
- 6 Maria dos Socorro Lopes de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRÁTICA E PESQUISA EDUCATIVA III - TCC
PROFESSORA: REBECA DE ALCÂNTARA E SILVA
ALUNA: MAURILÂNDIA SANTOS DE MOURA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo o uso das minhas imagens e entrevista no trabalho de TCC da aluna Maurilândia Santos de Moura do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPI.

Picos (PI), 14 de fevereiro de 2013

- 1 Vera Lúcia de Sousa Silva
- 2 Maíra dos Santos Sousa
- 3 Jose Carlos Sirino dos Santos Sá
- 4 Luís Paulo Miranda Silva
- 5 _____
- 6 _____